

PORÉTICA EDITORA

SILVA CARVALHO

REGRESSO

PORÉTICA EDITORA

SILVA CARVALHO

REGRESSO

LIVRO I

ESTRANHEZA

MOMENTOS

I

C'est ainsi qu'une telle pratique assume des sens qui tombent sous des lois et des sujets susceptibles de les penser; mais, sans s'arrêter à eux, sans les hypostasier, elle passe outre, les met en cause, les transforme. Le sujet et le sens n'en sont que des *moments*: elle ne refuse pas la narration, la métalangue, la théorie; elle les adopte et les écarte comme autant d'arêtes du procès, pour en exposer la poussée productrice dans le champ hétérogène de la pratique sociale.

JULIA KRISTEVA

in LA RÉVOLUTION DU LANGAGE POÉTIQUE

DESGARRADO

Eterno silvo que campeia o horizonte do tédio,
aqui, similitude e aragem, salto no tempo e invocação,
penso no longínquo marasmo que edificou a civilização,
o meu orgasmo e a flor que desobedece à primavera,
ter um sinal no centro do ser, ser a beleza do nada,
aqui, dizia, onde nada vive e eu sou, aqui, uma lágrima.

Desconheço a própria questão que sou na língua que falo,
furto-me ao relance, escrevo palavras que ignoro,
adoro o mutismo de casas desabitadas, o meu peito arfa,
as mãos que construo são-me ásperas, olho-as e mal as vejo,
posso um longo sofrimento que jamais se acaba, ser,
ser só, saber e depois tentar esquecer, nos dias o rasto...

Lúridos poemas que saem do inefável, o tempo crucificado,
águas que se banham e areias que transmitem ao sonho
as poeiras que não significam nada, senão um espanto,
no cosmos a clara membrana dos corpos insubstituíveis,
na terra estes passos que me fazem e doem como cardos.

No mundo esta música e o que se tem vivido ou morrido,
no silêncio o choro que se transforma em amálgamas de sangue,
ninguém lerá os escritos que no vento tecem fantasmas de hoje,
ninguém suportará o olhar malévolo de uma história que mata,
todos se refugiam na vulva que as mulheres ainda possuem,
amanhã, sobre o deserto, falar-te-ei desta música que embala.

10/10/75

LANHOS

Há quanto tempo não compreendo o que digo quando escrevo?
Saem-me palavras usadas pela erosão de um quotidiano larvar,
sentidos que busco na expressão que elaboro, lavro rios,
escorro na natureza como uma sombra que se maltrata,
e depois pergunto onde paio, que leveza me aflige, que faço.
Permaneço estático e movo-me no simulacro de um coração,
levanto-me da totalidade da noite e espaireço no dia,
armo-me de uma tristeza que explora o desejo infeliz,
aqui sou uma aluvião que estremece as entranhas da terra.

Estranhas madeiras que se levantam no céu lívido,
raios de luz que se filtram através do corpo diáfano,
as vozes de seres que pululam à volta de um mim,
escreve-se nas pedras que desmaiam o destino do homem,
mesmo se os sepulcros se abrem para que a história seja.

Leio o que sou no vazio dos signos desvendados, quem sou?!

Donde venho, se não reconheço os pais que tive, estou e vou,
cada dia que passa mais um dia que passa e desliza e foge,
no tempo eu subo estrénuas escadas que levam ao último,
único vestígio de uma esperança que não esmorece, o imemorial,
larvas que comem os cadáveres que já somos, no corpo a alma,
na alma o indizível, e tudo que nos rodeia, turbilhão e fogo.

10/10/75

INTENSIDADES

No começo um vácuo e o medo que se desfaz: escrever o ser na página branca de um quotidiano que se escapa ao sentido, lembrar com palavras o vivido e o que de sonho permanece ainda, tentar captar ao real a força que nos mantém vivos e despertos.

Mas falar de quê? Do nascimento à morte que caminhos trilhados, que homens descobertos, que ideias brilharam, que ócios enalteceram, que visões doidas não tivemos, que sofrimentos não suportámos?

Começar onde? No princípio não era o verbo: talvez esta música que aparece e desaparece, estes sons apanágio de um desconhecido, estar aqui e não estar ali, hoje e amanhã e ontem, tempo e espaço, que fazer para se ser, que ser para que a felicidade surja?

Que palavras usar? Que redemoinhos de signos sobre o estático, que aberturas para o infinito, construção e mito, que línguas vivas, que mentalidade arvorada, que desejo flutuando em torno do prazer?

Tudo tão demasiado difícil para ser contado, tudo tão fácil, ontem foi, hoje é, amanhã será, por que não escrever o destino como se fosse esta uma história impossível que se viveu sonhando, ou se sonhou vivendo, por que não dizer simplesmente que se está?

Não sei como começar e já comecei! Na folha ainda há pouco virgem surgem agora gritos que fazem empalidecer a própria noite, o sítio rodeado de ferezas a que estamos mais ou menos habituados, a hora que vivemos e que demora, nada realizado, nada para ser feito, viver! aqui porque é aqui que estamos, sofrendo e gozando esta estadia, esperando o indesculpável declínio da carne que envelhece e dói, na intensidade que se forja de limites que atingem tudo e nada!

15/10/75

INDEFINIDO

Indefinido salto no inominável, êxtase de palavras aprofundadas,
gritos de guerras estarrecidas, dádivas, no poema um cogumelo,
explosão que sacode os sedimentos saciados do decorrer dos dias,
no poema a ordem de uma sensibilidade que se desconhece e diz,
palavras vagas, indecisas, concisas no amontoado de signos,
um significado feito de aflitos requebros mentalmente dúbios,
uma origem ignara e um recomeço perpétuo, a eclosão, o cio.

Nada do real transparece e fica; tudo se move, se modifica,
o dito e o deslize progressivo de um prazer que se destrói,
queimados os corpos e à deriva levados por águas turvas,
no silêncio da casa a história contada mil vezes do grito,
indefinido grito, saído do nada com a força selvagem do ímpeto,
clivagem na aridez compacta das horas que se vivem indiferentes.

Luz e cegueira e turbilhão de pessoas que ecoam no vazio túrgido,
aqui estou mais uma vez na carne do homem, sem saber como,
fugindo porque se tem de escolher verbos que digam a estadia,
alcançando o sítio do impossível fora de toda construção amena,
o destino é esta folha, o acaso tece sentidos do incompreensível.

Surdem palavras e escolhem-se palavras no poema insignificante,
que ficou por dizer? Que será dito? Tudo demais e tudo tão pouco,
as regras esquecidas, os testemunhos tão antigos, viver ou perecer?

Como? Sim, como? Sei que estou algures e não sei onde estou.
Sei que sou e não sei quem sou. Enigmas, mistérios, espantos!...
Que tenho? Possuo o quê? Há o quê? Aqui, agora, que mais?
Todo o universo no recesso que ele não tem, aquém e além, onde?
Tudo que é vazio e transparece no indefinido tumulto do êxtase!

17/10/75

LAPSOS

A palavra lavra no papel uma incógnita: comunica-se um estado,
de alma ou de vísceras, lê-se uma torrente de signos alinhados,
tudo se perde e nada se perde, ganha-se tudo e ganha-se nada,
a palavra arde nos olhos que a lêem e diz-se língua de fogo.

Nada mudou, tudo mudou; ao real juntou-se a realidade de se ser,
no real passa despercebida a presença diáfana de mais um ser!

Quem escreve este poema? Eu. Por que escrevo este poema? Não sei.
Sei que escrever seja o que for é salvar-me, ignorando a perdição.
Em que mundos habito? Que regras desconheço? Onde estou?
Pergunto porque sou e vivo. Pergunto porque nada faço nem desfaço,
estou desempregado, tenho tempo e a consciência é consciência
de alguma coisa – dizem as filosofias do último século, onde vivo.

Nada de importante porque tudo demasiado importante, uma fala,
uma conversa, uma voz que ingressa na melodia suada do caos futuro,
uma obra onde se trabalha, uma insignificância que até significa,
tudo o que existe à minha volta, Eu no centro de tudo, de nada.

20/10/75

SURTOS

Aqui onde tudo se define e se absorve, tudo resplandece no brilho, na força que se esvai, tudo se transforma em imagens do perecível, mesmo o que julgávamos pedra, a casa onde vivemos e o sítio da vida, aqui na palavra que se espraia sobre o significado de sermos, agora que estamos e não sabemos como acabar, sabendo contudo que acabaremos, faúlhas de uma fogueira que se despede das últimas razões razoáveis, fumo que desaparece na limpidez de um céu que só metaforicamente é.

Há esta monstruosa música de mim para mim, e nada surge com o condão de nos embalar, de nos consolar, há este simulacro e esta similitude, um travo na garganta daquele que sofre, e tudo é mais ou menos dor, tudo o que nos aflige e permanece, o ter nascido e o ter que morrer.

Ouço-a e fico estático e imemorial como um padrão de antigos fracassos, amo-me porque me detesto, sou-me e vivo-me na carne que me coube e coo, não desperdiço a experiência acastelada ao longo de sofríveis anos, a miséria aviltadamente ominosa, a fome que me comeu as entranhas, o cio que desfibrava um tesão incapaz de se arvorar ao pináculo do ser, sei que em cada dia que passa eu também passo como um rio incompleto.

Salvam-se o riso áspero e a melodia que me canta no coração estrénuo, estas palavras desconhecidas que delimitam a estesia de um momento, o minuto que vivo agora entre o que fui e o que jamais serei, perdido no gozo de me ignorar eu, forma que desobedece às leis, esperança de nenhuma moral que viu no homem o escárnio de um século, aqui, mais uma vez, suado deste nascimento perpétuo, e tão longe, eco!

28/10/75

LIMITES

Na impossibilidade de escrever o que inadvertidamente sinto, sinto o que escrevo como quem obedece a um desígnio outro, estas palavras alheias e ferozmente centradas no limite do ser, sentidos do presente que se evolvem e adquirem o hábito eterno.

Aquém de mim tudo o que foi e jaz motivo de morte e sal, além de mim a abertura horrível de uma ignorância extrema, os quadros do invisível e as ameaças do imponderável, os passos que darei nas areias medíocres de uma terra, os olhos vítreos que chorarão a ignomínia de ter ficado, aqui uma mão que se abre e deturpa o corpo do homem, ali uma presença de sombras que não traduzem a tragédia.

Já não sei para onde vou. Soube-o alguma vez? A vertigem corre no dia e faz estremecer os seis sentidos legalizados, a vertigem que é arrepio de medo e desejo veemente de fugir, de abandonar para sempre este sempre que se edifica do nada, vou como um cadastrado pela senda do inexistente mal gorado, trago velhos preconceitos que se divinizam em conceitos ignaros, de que me vale viver se não vislumbro um sol na minha existência?

Há a alegria quotidiana de não ser nada. E isso basta. Que mais quero eu? Voltar a mim, fluir como uma personagem no romance azedo de uma realidade que não me diz mais nada, que fazer, que ser, como viver para atingir o fim, o começo? Em cada pedra troço, como a terra que não foi o meu berço, tento reconhecer o meu lugar e vejo apenas as migalhas.

Leio o que escrevo. Quando escreverei o que sinto? Quando? No silêncio há um sinal, imobilidade de tudo, sensibilidade!

29/10/75

INCOERCÍVEL

Incoercível a dor, catapultas do obeso ódio por mim mesmo,
calmas inflexíveis e horas estagnadas, mesmo se nada,
colmatando o horizonte de vícios a que pretendemos obedecer,
sair, sair daqui o mais depressa possível, se for já possível,
que tudo se esfarela e tudo redescobre a imagem da máscara;
lembra-te de ti, recorda ou invoca o tirocínio das palavras,
que aprendeste de sabiamente essencial, que colheste da vida,
senão este ódio ordeiramente levado pela dor que se vomita,
este ódio indecifrável e que ninguém compreende ainda,
mesmo se na palavra sobressai o eflúvio de uma outra coisa.

Atingi o ponto inominável do estar sem ser, incomunicável,
à beira de um precipício inexistente como tudo que existe,
falo-te de correntes que arrastam os sentidos imperdoáveis,
esbarro-me contra os feitiços nos quais eu não acredito,
que faço aqui, agora mais do que nunca, que faço para ser?

Na inviolável devassidão colho lágrimas que me souberam chorar,
uma infinda piedade tolhe-me os membros e não vislumbro o medo:
estou como quem viaja por entre florestas de uma odisseia inútil,
e vou assim como que levado pelos ventos de uma força natural:
arde-me a palavra que não sei dizer, finjo que sinto o verbo,
mas estou irremediavelmente longe, no longínquo desterro,
filho espúrio de quem não soube criar, construtor de mitos,
hirtos deslumbramentos que se entreolham como inimigos.

Ah! Incoercível a dor, e tudo tão pequeno diante da febre!
Dói-me o homem que não sei viver, e a morte que me espera!

31/10/75

CLIVAGEM

Há na hora a desoras um reflexo de loucura que não sei dizer:
o lívido gume de uma norma incapaz de edificar no homem a sede
pelo finito, pelo agora, pelo redemoinho que sobrepaira na estesia
daquele que escreve quando medita e implora no choro a vinda,
a companhia fúlvida de uma luz, de um raio de não... ai, que digo?

Louco! Cada minuto que tresvaria passa e rodopia como o fogo,
troco comigo um imbuído tumulto de séculos à deriva, quem não sou?
Que faço aqui neste roldão onde a luz é um mar que águas vão modelando?
Dizia que não posso mais viver, não posso mais ser, estou a mais, a menos,
não sei o que digo quando escrevo que quero estar e viver, não sei,
nada me fala, tudo se mostra inóspito e falso, ou serei eu, eu quem?

Não aguento mais. Uma dor e uma força, não posso mais. Onde estou?
Tenho que continuar a viver assim? Tenho que merecer a minha morte?
Águas que passam, passai por mim e levai-me como uma nuvem de medo,
quero ainda querer e não sei o que quero, quero morrer, quero viver?

Mais uma vez outra vez a ignomínia, conversa do destino que falha,
onde tenho vivido, por que não soube, aqui, ali, ouço os outros, quem?
E dizem-me que a esperança é um mito, um silvo aflito na aridez
do caos, da fuga para o infinito, o absoluto, o nítido zero, a canga.

Escrevo sem ter a consciência disso, sofro como um cadastro avulso,
sou quem sou e tenho o medo que de medo se filtra no orgasmo ficto,
aqui sou mais uma vez o homem que não é mas aspira ao segredo,
amanhã é uma miragem e tenho nos olhos o sangue que a cegueira cega.

7/11/75

FOGOS

Eclipses onde a luz é uma terebrante leveza de náusea,
no fogo a pausa e o corpo que arde numa paixão ignota,
na paz de um redor frio a tremenda incapacidade de ser,
aqui, saído de mim como um revérbero do viver, e sou homem.

Súbitos tumultos tetricamente expostos na alma do século,
o cerco e a cidade onde se vive, as águas que não purificam,
a secura de árvores que não abrigam a sombra nas folhagens,
aqui, miragem de ficções que se fazem vida, e eu nada.

Fogos, fogos tonitruantes na noite e nos dias que naufragam,
o silvo moribundo de uma dor que não encontra a pátria,
laivos de excrescências no peito indevido da tragédia menor,
aqui, na nebulosa onde se edifica o caos, a casa onde se mora.

Nadas que se multiplicam em nada que se esboroam e doem,
a vida como tem sido vivida, mais morta que estagnada,
a morte como tem sido temida, mais vívida que mitigada,
aqui, onde tudo me diz e nada significa, a loucura desesperada.

Alvos no cerne onnipotente da angústia que não se pode ser,
lívidos aziúmes e carnações que desmentem a própria existência,
um rapto soturnamente algoz, uma febre que me enche de fúria,
aqui, sítio do impossível, eterno tempero do insolúvel, ser.

Salvas inorgânicas e no fogo que lambe a fogosidade humana
uma esperança que não se esmorece, viver como se não fôssemos,
entregues à mecânica quotidiana de eras vividas na ignorância,
aqui, tudo é dor, nada é prazer, sofre-se e não se quer saber.

12/11/75

MOMENTOS

No frio diáfano de existências terrenas, súbitos calores,
surtos do inviolável, inspiração, no medo que se avoluma tredo,
no suor de uma angústia que ainda não se identifica com o homem,
este momento onde um outro eu se evolva para reaparecer inusitado,
este momento que equilibra a dor e integra no mundo uma luz,
a loucura de nos sabermos e de não pormos fim ao sofrimento,
o ódio que confraterniza com o amor, e eu no meio, dádiva, ser.

Perdi o que de perdição tem sido a minha vida funestamente nua,
ganhei talvez na antiquíssima sucessão dos dias uma panóplia árdua,
sei que nada será sofrivelmente resolvido, não espero nem desespero,
vivo como quem se perdeu numa floresta e descubro nas clareiras
o som longitroante de outra coisa, o mistério encaixado no devir,
o espanto que me sobe à alma e aí deixa uma amarga nostalgia,
morro em cada passo que edifico e na realidade escondo-me de mim.

Há os outros, próximos ou longínquos, que fazer? Também eu sou outro,
quando estimo e detesto, quando desconheço as regras do vício humano,
também eu pertença a esta náusea que se espalha pelos nefastos húmus,
a terra que mesquinamente me espera para que a fortaleza de carne!

E eu sei que tudo é vão, que nada merece a minha eclosão tardia,
com um conhecimento que não tem nada a ver com os estudos seculares,
com os compêndios que o século põe à disposição dos homens eruditos,
sei que na minha forja uma lâmina significa o desejo moderno de ser.

O quê? Nada, tudo. Momentos esses que se digladiam e tauxiam no peito
a sede que me asfixia, buscar, procurar, ignorando o quê, quem, como!
Desce até mim este calor que os contemporâneos temem e tentam domar,
a vinda de uma infável vinda, sem nomes nem engulhos, e sou-a, alvo
de imprevisíveis arremessos, fonte de cristalinas invocações, aqui,
no mundo onde vivo, indiferente ao mundo que não me vive, a tensão.

14/11/75

PÉRIPLO

Como quem não vê nem se apercebe da dor de ser e de saber,
eis-me nesta humilde aventura, só e solidamente solidário do ódio,
da raiva que me tem povoado, do pavor que tenho lividamente auferido,
no desprezo por mim mesmo e na alegria suada de ter escrito o meu nome.

Escrevo sobre o papel real o que de morte tem sido a minha vida,
faço da frase despreconcebida uma razão para continuar a escrever,
e o que não digo flui como um veneno imanente mas não desconhecido,
ignoro-me quando busco nas palavras o sufrágio que me não desmereça.

Não percebo o que morosamente invento, não atinjo o grau de reflexão
que me leve ao esconderijo onde naufrago sem medidas de segurança,
cada palavra que surge é um segredo e um degredo, uma maravilha natural
onde não reconheço a natureza, nem o homem com a sua humanidade grotesca.

Se me pergunto certas questões essenciais é pelo nojo de não mentir,
guardo no meu peito uma alma que se desprende de tudo o que é mundo,
a vida mete-me medo, não consigo enfrentá-la nem tão-pouco vingar no grito
que os pulmões afónicos temem em desperdiçar, caído como estou na demência.

Os dias passam ordeiros e matemáticos como a frieza de sepulturas,
levanto-me e como, leio nos livros que me rodeiam histórias de vidas,
olho o horizonte que desvirtualiza a casa onde habito, falo com a família,
à noite deito-me depois de ter vivido mais um dia na indiferença total.

Sou feliz? Não compreendo. Falta-me alguma coisa? Ignoro. Sofro?
Não imagino o futuro que me espera, não sofro o que tenho de memória,
não receio o que possa sobrevir, tudo está enodado e os mantos cobrem
com mãos docíssimas os sentidos que a sensibilidade ainda não embotou.

14/11/75

TORPOR

Luzes quebram-se e perfuram a inviolável exterioridade do fora,
raios que fecundam com o azedume de uma consternação antiga,
flores míticas que florescem aos olhos olvidados do poeta,
lanços de um arremesso que paira no século e se desmente.

Queria falar do fora, assumi-lo no que tem de intangível, tudo,
esgarçá-lo com o mesmo à-vontade com que me desterro do subjectivo,
sabendo impossível vivê-lo no limite que me foi dado ser homem,
mas triste e contrito por não merecer do exterior outras línguas.

Palavras estendidas enormemente desde o começo das páginas escritas
surgem agora e abrem-me como se fossem touros acidulados pelo instinto,
as palavras que não sei proferir e restam talvez improfícuas na alma,
súbitos relâmpagos e calores mais doidos que a própria existência.

E gritos, agudíssimos gritos, hirtos como cavalos de fogo no peito exangue,
gritos que devoram o repouso do último guerreiro, silvos sibilinos de medo,
pelos ares como rodas de fumo que se deslocam para ser movimento imóvel,
gritos no descampado seráfico onde a memória habita e quer esquecer.

Deixo-te o condão de descobrires no poema tecido com ódio e amor
o que de mim te vive, o que de ti é a plástica inocência do meu viver,
deixo-me varrer pelo sentimento que se faz século na história humana,
nada do que sou permaneço, mudo como o indeterminado nado da exuberância.

Compreendo que me é difícil compreender-me, nem só de palavras se é,
há também este rastilho das coisas que vulgares rodeiam a sensibilidade,
rastos de restos que ficam para os lixos de uma engrenagem que esmorece,
quanto de mim na esplêndida ruína que figura já onde a minha vida tem sido!

15/11/75

ALGO

Eu no mais absoluto de mim, só, impávido e efémero,
sentindo tudo o que sou e me é estranho, vivendo no nada,
entrando e saindo de todas as sensações que me são possíveis,
abeirando-me de precipícios salvos, fugindo de sombras anímicas,
eu aqui e o redor aqui, tentáculos do imemorial, desconhecido sítio.

Nunca estive tão próximo do que foi outrora a inspiração,
vivo a estesia de nada saber e de tudo conter na minha totalidade,
compreendo sem frases ou pensamentos avaros o universo certo,
sinto sem sentimentos complexos a multitude ignóbil do mundo,
vibro em cada partícula do meu ser o ser um mistério humano.

Há nas minhas veias intelectuais e anímicas uma felicidade plena,
ressumo um amor pelas coisas e pelos homens impossível e eterno,
espraio-me como a natureza através das estações que se digladiam,
sou-me com uma profundidade que raia a loucura nobre do sofrimento.

Sol e eu, solidamente agarrados ao perecível questionar de agora,
o corpo que se levanta como um alor incapaz de reter a ousadia,
a alma apaziguada e firme, sobrevoando todos os cataclismos,
terra e eu, num contrato perdurável que nos unirá para sempre.

Vagam as palavras que tecem na estesia acalmias terrenas,
surdem sons que galvanizam as melodias e vogam nos ares,
surgem as frases puras de uma emoção que se clama do inviolável,
colhe-se o poema como uma dádiva impossível de estar sendo.

18/11/75

CASULO

Música e medo, o velho casulo, este rodopio de mim mesmo,
no suor que é a angústia, na impossibilidade de ser brando,
a tragédia quotidiana filtrada das impurezas imarcescíveis,
e sobretudo a dor, a dor finíssima no cerne do ser e do devir,
a dor que me abre e me fende para ficar impoluto no sangue vertido,
a cabeça fora do real e o corpo sem compreender a linguagem do ódio,
e súbitos silêncios de um frio que irrompe na quente vibração do cio,
quando paio espírito como uma águia sobre penhascos fugidios,
aqui eu, ali eu, em toda a parte símbolos e fomes de mim,
e este fogo que arde como uma névoa de soturnos vícios,
altos desígnios que ficaram para ser cumpridos, a dor, a dor!

Volto a mim sem nunca ter ultrapassado a porta que me leva ao brilho,
que vejo senão as ruínas férteis de um destino que não se desmente,
os cadáveres de sensações que foram, os ossos de ideias imponderáveis,
a minha vida que corre tal um menstruo de uma fatalidade ignóbil,
porquê a dor e o prazer, não vislumbro a razão de tudo, não acalento
o vazio de um nada que me tarda, onde estou?, que nada vejo, sou o lume
que acende na alma do último vestígio uma felicidade feita de nervos.

A súpula de mim, esta música, no encanto e no terror, a essência maldita,
o que de mim fica nos resíduos do tempo e nos socalcos do espaço árduo,
o que tenho selvagem e espuriamente sido nos encontrões do mundo áspero,
o que tenho pesadamente sonhado nos intervalos de prélios igniscentes,
o que tenho perdido e achado nas encruzilhadas que se nomeiam terra,
o que tenho sofrido como um náufrago esbracejando no mundo dos outros,
o que de mim se vai, fumo e cheiros e fedores comidos pela morte diária,
a história de mim, órfãs imagens de uma queda, o riso animal e a dor dor.

19/11/75

DISPERSÃO

Horas há em que de mim para mim deslizam desassossegos inchados,
faúlhas de um fogo que se consome no tirocínio inconstante,
dispersão de móveis pensamentos incapazes de uma doce fixação,
e eu então vago, centrado no cerne impoluto de mim mesmo, vago,
como uma viagem que se transforma no caminho já caminhado,
um passo que se deu no tempo e no espaço, que sei eu do universo?
da carne que me abriga da carne? do espírito que se transmuda?
horas assim como um possesso no limite do frenesim, e tudo calmo!

Quero resolutamente regressar à casa onde nasci na memória do passado,
desejo ver novamente a minha infância no que de essencial foi cumprida,
pretendo esguardar os sítios humanos que me deram as escoras do real,
quero reviver na imensidão da perda a força que me fez homem moderno.

Estou estático e dentro de mim todos os volantes do mundo num rodopio,
as frases histéricas da adolescência absoluta, os risos sarcásticos,
os homens com quem convivi na sociedade que escolhi com o meu sangue,
os livros onde li a morte na qual o mundo se edifica como um dilúvio,
as mulheres que não me souberam amar, pobre de mim que também não amo,
os ódios onde pus todo o fel que me cresceu nas veias com o desengano,
estou no puro devir e sinto-me um estranho que se julga eu próprio.

Pouco tenho vivido de imutável para permanecer assim no degredo,
tudo me fere com uma dor que já desconheço as causas e os efeitos,
em tudo busco um periclitante sinal que me traga a confiança delida,
nada me dizem as palavras que ninguém sabe proferir com medo da vida,
muito tenho sofrido na sucessão cobarde de dias que auro como segredos.

20/11/75

SILÊNCIO

É manhã e estou só na casa fria, o sol demora por entre nuvens de lã,
sinto-me como o primeiro homem no mundo, e a pacacidade ancestral cai
sobre mim como duas mãos que sabem prodigalizar blandícias de sonho.
Há em redor um silêncio infinito, os homens desapareceram desta paisagem
que se busca ainda nos detalhes concisos, os ruídos afluem da natureza,
lembro-me repentinamente como se de um rio fosse a minha vida pretérita.

Chamo a mim o vazio de emoções que ontem se alicerçaram na sensibilidade,
tento recuperar o que fui nas sendas imprevisíveis do estar sendo,
revejo-me na inclemência de ter sido um destino que se fabrica de nada,
e uma alegria que nada tem a ver com o ódio contemporâneo enche-me a alma.

Há uma vaga angústia que se infiltra nesta alegria, crispo-me no ser,
algo se passa nos limites cautelosos da minha existência casual,
um perigo que se abeira ou uma dor que teima em conquistar os domínios
sulfurosos da minha estadia na terra, aflijo-me por desconhecer o que é.

Sejamos mais terráqueos, debrucemo-nos sobre o real: uma mulher espera
um filho meu. Foi-se entregar à medicina para que a sua missão se cumpra,
aqui também eu espero a vinda desse filho que tanto almejei na loucura,
essa carne única de um ser que será porque quis que fosse vida futura.

Só eu enfim espero. Eu que estou de fora e não engendrei nas entranhas
essa réstia de luz que me ilumine nos anos que sobrevirão, tentativa
inútil de desobedecer à morte que nos acoita, talvez cobardia da carne,
mas sobretudo desejo infrene de vibrar na ilusão de ter um fora outro.

24/11/75

ACALMIA

Não que tenha a necessidade de escrever, ou que o momento me chame,
mas sim sobretudo este desejo de criar no tumefacto esplendor da história
uma página onde o homem é, testemunho e agente, vazio e acaso, paz e guerra.

Escrevo imbuído de uma tal alegria que não a posso definir, nem sei tão-pouco
se é alegria, mas antes vontade de que o seja, pois que hoje, no roldão dos dias,
um dia é mais do que a sucessão de tempo, tempo que se traduz pela carne,
carne que se transmuda em novo ser, humanos que somos na dor e no castigo.

Há palavras que não compreendo e que no entanto surgem como anátemas
naquilo que de real é a minha poesia, palavras que aprendi nas escolas,
na aprendizagem vulnífica, na experiência estúpida que se acastela sempre.
Escrevo-as e espantado miro-as como se se tratassem de outros signos pessoais,
símbolos de outro mim que ainda não morreu ou permanece abscondito no
âmago,
eu que me julgo um estranho viajante na corrida para a perfeição do futuro,
eu que me mato e ressuscito sempre mais jovem no tempo, que não na carne,
eu que me purifico da imundice que o mundo lançou sobre os meus dúbios
passos,
eu que tento em cada dia que passa também passar definitivamente arrumado.

Espero. As horas matutinas decorrem indiferentes aos acontecimentos animais,
tudo como ontem despertou de uma noite, as leis universais cumprem-se assim.

Não sei o que fazer. Erguer-me, mexer-me, falar alto no casulo da casa?
O sol brilha já sobre as gotículas da chuva que cessou, um leve calor
tímido percorre a superfície da terra, invento-me uma flor florescendo,
o ruído de plantas que sobem na terra, o meu humanismo tem sido um mito.

Ainda espero. Tempo estagnado, hora estática, eu parado. Espero o desfecho,
o resultado da minha vontade, embora vaga sombra paire sobre esta expectativa.
A morte, mais uma vez, insinua-se na minha estesia, a última batalha, o parto,
decisão do acaso, viver ou morrer, tudo tão vago na vida, tudo tão vago na
morte!

24/11/75

SONS

Na pureza desta manhã a fereza da música que me ama, o teatro moderno de uma violência que me conhece de cor, mesmo quando busco na acalmia esse silêncio que me restitui não às coisas ou à natureza, mas ao mim que existe no roldão de todas as intempéries, vividas ou imaginadas!

Deixo-me penetrar pela essência, paradigma de um estar sendo que se ignora, e cada som é uma flâmula, cada instrumento uma alegria que me percorre isento,
cada ritmo uma viragem na placidez do meu viver de agora, revejo os rubros, o fogo que incendeia para purificar os restos da existência que nos cabe.

Ouç-a que flana como um rodopio de insinuações, espreiro na harmonia o fosso,
o vazio onde a alma suspende-se, cada canção é mais do que a telúrica mentira de uma profissão que não se cumpre, o estado embrionário de uma criação pere-ne,
a lúdica mentalidade de quem sofre e quer fugir às garras da dor insuportável.

Vibra como uma luz imarcescível, brilha como a ideia infantil de caos anímico, a música que tece um halo de felicidade nos meus dias, que preenche uma vacuidade,
a música de hoje, onde as palavras são nítidas poesias do impossível desejado, e as entoações atingem o paroxismo de águas que desconhecem o leito ínvio.

Eis-me no âmago de mim mesmo, regressado ao ser, vibrando em uníssono com o devir,
o que sou agora, catapultas do imemorial e experiência do olvido, aqui, o lugar onde o medo contemporâneo desaparece para surdir chama de uma fogueira ablutora,
eis-me no sacrifício do fora e tudo me é indiferente, salvo o viver o momento.

26/11/75

VAZIOS

Pleno deste fastio cumulado pelos dias, existencialmente vazio,
na encruzilhada conturbada, no apogeu de mais um silente paroxismo,
espreitando o irremediável e escrevendo de vez em quando poesias,
palavras onde ponho o que de mim há de perene e não quer sobreviver,
para que a língua suporte o delírio em que vivo, nesta linguagem pobre
como um dever de homem que deve ser cumprido, na liberdade e no exílio.

Abro-me à música que me edifica, sinto-me eu, tão isolado do mundo humano,
dentro de correntes que me levam como realidades que aborrecem o sonho,
fora do clima que se vive, a pátria impossível, a camaradagem no sossego,
fecho-me como um organismo que conheceu a dor e não resiste ao malogro.

Mas, entre os cimos que a música acalenta, álgidos vazios imponderáveis,
o momento suspenso no momento, o tempo realçando o que de mim morre,
o influxo da memória nas invectivas ao presente, o meu enigma no sofrimento,
o que represento na história que faço de mim, um homem perdido no século.

Estou longe e perto, fluo e reflu, águas marítimas no simulacro poético,
isento e vítima, saído de um acaso e entrando por acaso no redemoinho bélico,
a guerra onde luto contra os estigmas de uma civilização que me asfixia,
tudo o que odeio e este nada que detesto, a minha salvação, essência poluta.

Na ânsia e no medo, eu que caminhei todos os caminhos do impossível
e soçobro na tremenda realidade do mesquinho deslizar dos meus anos,
eu que assisti ao mistério quando falei com os signos, sinais e símbolos,
eu que me debrucei sobre a miséria humana como quem desconhece o homem,
uma vez mais aqui, neste precipício onde tudo se revela no escrito aberto
e no esplendor repleto de uma alquimia que se confessa adversa aos homens.

27/11/75

MIMETISMOS

E no entanto esta alegria incoercível em escrever na hora o vivido como do mais puro elemento de que carece o homem, eu mesmo aprofundado ao clímax do ser, na infatigável mediocridade de saber quanto vou perecendo, na braseira dos dias, a minha juventude eliminada pelo sufrágio individual, a minha intemperança restaurada pelo insofismável brilho da efemeridade, este desejo veemente de me buscar na clivagem do tempo, compondo no espaço os traços fatídicos de uma aurora que resplandece na sua inexistência.

Ainda possivelmente não nasci nem talvez nunca serei se a realidade for!
A mim descem os aziúmes de uma geração centrada na cegueira do impossível, de mim sobem álgidos cânticos inumanos sobre as cinzas de templos antigos, em mim crescem terrenos onde o virtual adquire do real a aparência fugidia, talvez seja no imo do meu viver um ser cindido entre o passado e o futuro.

Negar, negar como tenho sempre feito, esta necessidade e este prazer, a vontade delimitada e a razão estreme, vivi como uma inocência abrupta, zurrado pelos ventos mais variegados, cinzelado pela dor do real reaccionário, agora aqui estou, na semântica do indemonstrável, no delírio da hora cega.

Tudo que realmente percebi e se esvaía como um sonho de atónito adolescente, os livros que li, na luz longínqua das noites, vibrando em uníssonos com o ser, os homens com quem falei, tantos e tão poucos, nos cafés das cidades europeias, nos quartos onde transpareci ausência de finalidade e puro devir reflexo, tudo isso agora revivo e nada choro, comovido comigo mesmo por estar de fora, como uma memória que se tramou no conluio com os desígnios do tempo amargo, uma história que se roubou ao filão demitido da verdadeira coragem humana.

E no entanto, esta puríssima alegria no meu seio, agora que escrevo e sou, mais do que a soma de tudo o que tenho sido, comoção de ser nada e saber!

27/11/75

SAGITÁRIO

Nasceu-me uma filha. Hoje, às nove da manhã, no Hospital de Sintra. Como dizer esta alegria, este pesar, este súbito medo, esta felicidade? Hoje, no Hospital de Sintra, às nove da manhã, nasceu-me uma filha.

28/11/75

CARNE

Longamente fito na carne que engendrei a imagem que já não sou,
sonho de um futuro como um equilíbrio de mim por interposição,
sonho e uma lágrima cria-me homem na brevidade de uma existência;
longamente desfibro a emoção de ter conhecido uma possibilidade:
fazer filhos na confusão aracnídea do mundo em perpétua convulsão,
na esperança de não morrer definitivamente mesmo se a carne é outra,
no desespero de ter caído nas ciladas que a sensibilidade arquitecta,
mas feliz mesmo se nem uma sombra de vestígios na minha face anavahada,
feliz por ter conscientemente obedecido às leis do humano desadjectivado.

Há muito me perdi, mesmo se ignoro o que afirmo, ou por que o digo,
sinto-o na minha alma, ou no vazio que ela deixa quando a razão mata.
Há muito deixei de amar o homem, indiferente aos meios fictícios da história,
fora dos fins que fazem correr as sociedades para a degradação inumana,
longe de todo o furor que acorrentou a humanidade ao símbolo podre.
Há muito que vagueio na solidão mais total, mesmo quando compartilhada,
e agora que cumpro o que de animal subsiste em mim, que talvez seja tudo,
sinto-me feliz por não me ter negado à carne nem à morte que me espreita.

Sei que só tenho uma vida e que um filho é de qualquer maneira um desconhecido.

Que importa? Aqui, nesta casa que não é minha, que nunca será minha, onde vivo,
viverá comigo e crescerá como uma liberdade feita terra e vontade de viver,
para que tudo volte à normalidade neste universo onde cada passo é um enigma.

Escrevo agora entre a noite do fim deste dia e o futuro que se estende,
estrada para um outro finito desconhecido, onde as surpresas e as casualidades
surgirão como estigmas de uma inutilidade consoladora, na paz e no tumulto,
no sangue ou na lama, para que eu seja mais eu no brilho breve de uma ilusão.

28/11/75

ANTIGUIDADES

E depois este nervosismo que tem sido a essência da minha inspiração, quer poética quer vivencial, esta dispersão de um fulcro explosivo, eu, centrado no inominável de mim e tão próximo por vezes de uma ilusão que é o fora, apêndices de filosofias e de crenças que viram na história o terreno mais propício para serem poesia, o inventado e o desprotegido, esta música, aqui, esta música inefável que me embriaga e me transforma no homem mais puro, no homem mais novo e etéreo, esta música tocando o imo,

labaredas de um engano mais esta consolação intempestiva, viver, viver agora, com esta finalidade sem fim, afim da minha efemeridade, nos confins do medo e na insuportável melancolia que o século não consegue vencer, nem amar.

Que progresso de mim para mim mesmo, e surgem então as imagens antigas de rios que por meandros do acaso deslizam como evidências terrenas, o tempo que se escoia e flui, o espaço onde se constrói a casa que somos, o exílio mais temível, a fonte de todas as dores, este mundo que desumaniza, estes homens que se comem com uma sede terebrantemente dispersa no lucro, que fazer para me criar como algo de novo nestas velharias do cognoscível?

Há muito que deixei talvez de escrever poesia, estas palavras são alvos, meios fúteis de recriar no tempo a minha memória tão combalida, a história que sou em cada golfada que respiro, o meu corpo e o que o anima, desilusão talvez, nas imagens de águas que a ressaca não perde nem virtualiza, o mar e a mãe, equilíbrio do finito, na terra a minha salvação, na morte um mito.

Nunca consegui atingir esse estado de verdade e de sinceridade anímicas, tudo me arrasta para ser um outro, para fugir de mim como um pestífero, as religiões onde se criaram os homens, as ideologias que teimam ser futuro, os preconceitos do sangue que as mamas das mães transmitem aos filhos, nunca consegui escrever o que quer que fosse de original ou de longo, apenas fragmentos de um eu que se desconhece e se sente no centro de tudo.

29/11/75

ESTRANHEZA

Momentos esses que subsumem a confusão do mundo no homem vivo, inefável nada perplexo por se sentir preenchido de sentidos diversos, como correntes onde a náusea se abeira pacífica da alegria mais pura, alimentados pelo medo ctônico de desembocarem na mesma loucura, momentos esses perpassados de uma destemida temeridade fingida, o homem que sou na incongruência de ser vida sem uma linha definida, este suceder de todas as coisas no real que se embrulha com as ideias, rastos de luzes que permaneceram eubióticas no postremo acto do abandono, lumes que afaçam como unhas na carne apetecível do outro que é mulher: estranho! Sentir sem sentir, pensar sem pensar, ser apenas, tudo e nada, apenas esta vida sulcada aqui e ali de estremecimentos anímicos sem alma, a memória do passado, a famosa mediocridade do humano, aqui, aqui a chama!

Estranho: Esta ausência do brilho no vazio morto onde a vida se constrói, a pergunta que nos desfaz os lábios e irrompe como um vulcão de peste, este destino, estas horas específicas na nulidade de tudo, esta dispersão, e sobretudo a música, a música difusa que violenta as leis da disponibilidade, escrever o ser no roldão mordaz dos acontecimentos que ditam as regras, cego e mudo, tartamudeando salmos do profano na invocação impossível, aí a origem do meu mal, aí toda a história moderna do desassossego turvo, nesse ponto cerne e coração de uma inefável maneira de viver a morte, aí esta estranheza síncope do infinito no absoluto desmoronar de mim mesmo, as ruínas que compartilhamos com o tempo no espaço cadavérico do ocidente!

Há neste verbo haver uma ressonância antiga de mistério e de paz palpável, o que não foi compreendido jaz perene nas areias movediças do pensamento, o que foi pensado surge como um fingimento onde o homem é o único naufrago, o que foi sentido perdeu-se na seráfica nebulosa da sensibilidade velha, o que não foi amado reveste-se das cores dionísicas de uma bebedeira húmida: há nesta ausência uma evocação de algo que perdura no corpo livre do homem.

14/12/75

ABERTURAS
II

REGRESSO

Regresso pois ao antigo ilimite de mim mesmo,
trago da viagem uma memória de dor e de degredo,
certos passos que dei no roldão do mundo tosco,
alguns berros que arvorei ao pináculo do ser;
regresso à terra desprotegida pela terra ígnea,
no peito esta súbita força que me desumaniza,
no espírito uma ligeira volição para o instinto,
na alma o mapa de todos os percursos percorridos.

Regresso, no simulacro de uma poesia, ao lar,
simulacro possível de um querer indómito,
para que o sofrido e o vivido se ajustem
num contrato sublime que me liberte;
aí deposito a miragem que me perseguiu,
o sonho que me levou a calcorrear caminhos,
o cansaço de dias alçados ao desgosto lívido,
a vã esperança que colhi nos socacos do tempo.

Encontro a visual casa de uma noção desfeita,
os pais que me souberam engendrar e criar,
a família que tinha quase esquecido na memória,
os laços de um ontem que escorre lágrimas acres;
saúdo tudo o que me fez homem nesta odisseia,
o leite que me alimentou no berço irreprovável,
a amizade vesga de uma juventude necessária,
a aprendizagem da injustiça nos olhos outros.

Fico pois estático como um alor de qualquer coisa,
movo-me no diapasão que regula o tempo anímico,
penso o futuro como um plano que não realizarei,
descubro no meu imo uma ignorância indesculpável:
chego pois a casa vergado pelo que experimentei,
no conluio comigo mesmo e no dúbio espanto,
tentando relembrar o que de gozo tanto sofri,
desfeito em vento o destino que me destinei.

25/2/76

FALHANÇO

Há na essência do sentir uma roda de perdição,
uma queda que ilumina a existência despedida,
uma fuga para o esplendor de uma ideia feliz,
a estranha voz que claudica no deserto interior.

Temo empregar os verbos do sentido intemporal,
prefiro permanecer na casual volubilidade de tudo,
movimento de vaivém que por vezes não volta mais,
existência sublime percorrida pelo poluto tempo.

Medito a veloz viscosidade do real mitificado,
sofro no espírito as mãos febris do desastre,
no dia usufruo a paz de um país amortalhado,
na noite vago como um sopro na matéria morta.

E sobretudo, mais do que uma necessidade nova,
dessinto o que presumi ser essência do universo,
desligo-me do arbitrário mericismo obsidiante,
regresso ao impossível com toda a força isenta.

Não sei o que escrevo, nem com que versos sou,
purifico-me no simples fazer que é sonho vil,
a vida eleva-se como uma dessemelhança ignóbil,
a morte surge repente no tumulto do prazer.

Clamo contudo velhos desígnios insubstanciais,
procuro na adiaforia o bem que me rejuvenesça,
colho da ilusão a destemida desilusão amena,
descubro por fim que tudo valeu a infinda pena.

Brinco o ser, metáfora do inconsistente vácuo,
brilho como uma descoberta inessencial ao homem,
a inutilidade compraz-se na genialidade icástica,
sem perguntas nem respostas, num questionar perpétuo.

25/2/76

PRURIDO

Este uníloquo prurido quando tudo surge roldão,
a necessidade de me extravasar num súbito poema
para que a pacacidade inevitável reapareça nova
como uma descoberta sem inventor ou ciência.

Ouçõ então as vozes de outros sinais antigos
que teimam em permanecer na essência do meu ser,
laivos e eivas de outros insuportáveis desígnios
que não sei acalentar nos meus braços defessos.

E sinto, como um punhal que se vinga em mim
do muito que tenho sofrido na vida extrema,
perplexo por me saber inocente como um querer,
estranho por não vislumbrar a razão depauperada.

São fachos e lanhos de outras fontes inexoráveis,
líquidos que se assemelham aos pensamentos ideais,
ventos que traduzem sentimentos desterrados,
são sombras do impossível que sobrevive assim.

Há nesta angústia que talvez se minta e finja
uma abertura para a totalidade como alvo fim,
uma fenda que mostra ao olhar proibido do homem
uma luz diferente daquela que nasce todos os dias.

Aí, lugar por excelência mítico que se quer real,
vivo, paradeiro do infinito e criação temerária,
homem nascido das trevas dos homens cognoscíveis,
alor para o futuro e ânsia de ser mais que nada.

Tudo o mais é a vida com os seus excessos válidos,
pergaminhos do intemporal e caquexias fedorentas,
sofrimentos incapazes de redimirem a humanidade,
alegrias que atingem o paroxismo na morte sóbria.

Sou um fogo que afugenta o vício do imperecível,
trago comigo um sonho capaz de ungir o brilho,
na escrita do meu ócio paira uma indeterminação,
aí, e só aí, abre-se a aventura do pávio possível.

25/2/76

ALEGRIA

Desmereço completamente a razão contemplativa
que me liga ao plágio fraudulento de uma realidade,
nas palavras que escrevo timbro a música dolente
que paira no ar e que só pouca gente sente,
inviolada e pura, afeita ao silêncio que rodeia
e liberta a estesia de um fardo de autenticidade!

Cada poema é uma faceta facetada de miríades de sinais,
cada verso escrito é uma auréola desgobernada do mito
que o homem busca nas ruínas de um passado longânimo,
cada palavra é um grito na aridez fecunda do génio,
e o génio, mitologia moderna e expectativa futura,
é um lívido brilho que desvirtualiza o sentido da terra.

Por isso escrevo sem saber o que conscientemente escrevo,
permanece em cada poema uma difusa membrana do arbitrário,
lê-lo é como percorrer um caminho vendado e fordo de pedras,
acabá-lo é morrer de uma morte naturalmente falsificada.

Desmereço o nome de poeta que se dá ao homem absoluto
que faz da vida um fosso e da escrita uma razão medida,
mereço contudo esta alegria de ser estúpido e inessencial
em cada palavra que me dito como uma inspiração amada.

Não ficarei para perturbar os futuros alunos das escolas,
nada do que foi meu é importante ou vinculará o tempo,
tudo nasceu de um nada que se define pela indeterminação,
a ambiguidade é o terreno onde o ócio labuta para ser puro!

Escrevo pois o Ser como finalidade que não dura muito,
o perecível que se esgarça e o sopro da vida que passa,
escrevo a semelhança que une o homem ao monstro derrelicto,
a fastidiosa pasmaceira que se transmuda no tédio antigo,
escrevo o signo maldito de uma época que não será história,
demasiado vivida pela sensibilidade que me embota os sentidos!

Ah! mas há esta longa, larga, liberta alegria de escrever
o insentido maior e menor da vida, o simulacro do destino,
as peripécias que me limitam ao homem do quotidiano fértil,
os suspiros e as loucuras que fazem de mim um novo Poeta.

QUOTIDIANO

Penso por vezes que me esfarelo no quotidiano,
outras vezes julgo-me concentrado no denso reflexo,
sempre no auge e no clímax de uma ideia ou emoção,
mesmo quando visitado pela indiferença neutra.

Nos dias que se volatilizam como poeiras do universo
eu gasto-me; nos gestos que subsumo e nos movimentos
que dou ao corpo, sustentáculo de tudo o que sou,
imagem inteligível de uma miséria misteriosa
onde vou buscar a fome que me devora a lucidez,
vejo esse rasgo de luz vindo de um não sei onde,
indeterminado vislumbre que se dramatiza nas horas.

A intenção máscula de dizer contudo o impossível
no indizível que jamais será dito ou no inefável
que coexiste com a possibilidade como a conhecemos,
vivo na confusão serena de um destino que se purifica
e olho com outros sentidos a eclosão da minha morte.

Que faço? Tem importância a descrição ou narrativa
dos meus passos, o testemunho pervigil de uma ilusão?
Não faço nada. Como sempre, vago por entre caminhos
na procura de um outro caminho que me leve ao sonho,
não fuga do real, que o desmereço, mas realização nítida,
construção de um mundo capaz de sintonizar com a força.

Há este quotidiano, fluxo temível de eventos sujos,
memória de uma necessidade incapaz de vitória,
há a minha doida fatalidade de me querer vivo
no acme da história, sem fronteiras nem limites,
centrado na pura dispersão, idealmente vigiada
para que o momento do futuro seja uma dádiva certa.

Mas sobretudo escrevo, aqui, na indistinta alegria
de me conceber sem preconceitos ou soberania,
capaz de colmatar o vazio que me foi legado,
na tentativa talvez fruste de me alçar ao nó
que realiza a intempestiva felicidade do homem.

26/2/76

EXPRESSÃO

Sinto esta fluência que se espraia como inspiração
na página onde escrevo a desrazão e o instinto ameno,
sinto-me outro que não eu, mais próximo da juventude
que passou e tão perto do segredo que penso desmaiar
na minha condição incompleta de homem perdido no século.

Sim, a felicidade de me sentir é tão grande e tanta
que esqueço por momentos a memória como conteúdo visível
do que me perdurou e foi história no meu corpo sofrido,
viro-me para o ser que está e é, alta imagem da ânsia,
inquietação longínqua que acena num rodopio de sentidos.

Cada vez mais estou nesse mais que me dá a força
para avançar no caminho da loucura, não que não a tema,
mas o apelo é demasiado forte para que a cobardia arrefeça
o meu coração cansado ou a intelectual curiosidade,
no fundo vida, vida que, se me foge, regressa ao lar.

Com as palavras construo a casa do imperecível
no tumulto horrível da história que arruína tudo,
a ilusão de que se está para sempre na memória dos povos,
o desejo de ficarmos pegados à terra como nascimento.

Não vislumbro contudo um sentido no expresso,
antes miríades de linhas de força que se dispersam
para reduzirem a imagem do homem ao novelo poético,
fazer, fazer para se ser, labutar na inutilidade nula
que dá o imprevisível sentido de não morrermos velhos.

Para sempre conservar esta mocidade nas veias anímicas,
ver o mundo como uma imperfeição que exige de mim
a luta quotidiana e a guerra perene e invisível,
gozar o destino como um fruto da nossa esperança,
para que na hora da morte surja uma razão de viver.

Viver, dizem, viver o dia a dia como se fosse o último dia,
viver, digo, viver todos os dias como se fosse o primeiro dia,
na voraz tenacidade que elimina o tédio ou o desassossego,
na alegria tecida de amor e paz, no mundo reconquistado.

26/2/76

LUZ

Luz, irreabilidade de estar banhado no amarelo difuso
de uma tarde que se esvai como um orgasmo apetecido,
luz no silêncio da casa e eu tão sabiamente solidário
de todas as coisas, visíveis e imprevisíveis, que a vida
se não é um mistério na crueza da realidade que circunda
é pelo menos um enigma que devora a lucidez temerária.

Questiono a vida, a minha e a dos outros, leio histórias,
que são facetas humanas da história, nos livros dos homens,
estremeço diante das catástrofes que apodrecem a humanidade,
vibro como um vento diante dos sucessos que melhoram a vida.

Estou finalmente vivo, renascido do longo e agudo sofrimento,
descuro do passado para poder melhor sorver o presente aparente,
traço certos gestos na mediocridade da sociedade vigente
que me trazem uma alegria capaz de iludir o fantasma do medo,
crio como a inexistência de um deus e rio como um antigo mito,
os dias decorrem como água de um rio na imagem velha do perene,
hoje, mais do que nunca, não quero ser original nem vesgo,
prefiro dizer soletrando e cantando as palavras da tradição,
para nelas reviver os séculos que se nutriram de homens,
na epopeia de uma civilização anárquica que desmente o sentido.

Quero pois sentir em mim a volúpia de uma história inumana,
a morte de milhões de cidades e de países votados ao desprezo,
quero ter bem presente a dor de uma família dizimada pela peste,
ou a fúlvida alegria de uma descoberta que trouxe ao mundo a luz.

Escrever esta luz sem palavras, vão desperdício da alma,
mas como, se o meu sentir se arquitecta com nós de palavras,
se o meu julgamento se elabora no pânico de semânticas vivas,
como descrever o ser de estar agora rodeado desta água ilusória?

As palavras! Gozo de criar sobre a aridez do real o sonho,
não porque me sinta desvinculado dos passos que dou na terra,
mas porque a minha ânsia de mudança é maior que a resignação,
ficar como nasci é marasmo e morte, revoltar-me significa volver
ao lugar do impossível feito possível pela minha ousadia criminosa.

26/2/76

ALOR

Tenho pensado nos momentos perdidos do meu sonho,
na causalidade inerente à casualidade repetitiva,
nos signos que florescem como cancrios de signos
em todos os poemas que inventei e fingi criar,
tenho pensado como quem não sente o tempo passar,
figura e mito, homem no abandono do papel aflito:
significar, significar alguma coisa na confusão,
indicando as setas do sentido sobre o caos moderno,
nos arremessos da inteligência e nos folhos sensíveis
que a sensibilidade esconde, mãe e mártir, fulgência!

Escrevi algures: sou outro. Escrevo hoje: sou o mesmo,
nascido da morte e morto no nascimento intempestivo,
modulando frases e arabescos capazes de interpretação,
imaginando outras fases da minha existência perdida,
não no colmatoso adjectivo que não existe ainda,
mas no verbo que define uma indeterminação presente:
Ser, mais do que nunca esse nunca mais que não chega,
para que tudo se traduza em palavras ágeis e fúteis,
para que nada sobressaia da imundice propícia ao sonho,
agora que na alegria inscrevo o destino que me cria.

Passei toda a noite a meditar na impossibilidade de dormir,
pensei tanta vida que vivi nas horas sacudidas pela ausência
a imortal necessidade de compreender o mundo e a sua presença,
pensei como um adolescente que descobre a carne no seu sexo,
hirsuto e correcto como a ideia que se faz da morte e das trevas.

Agora, na tarde iluminada pela luz que luz num halo perpétuo,
atónito descubro a força da minha ideação, o brilho corrupto
que me une às coisas, aos homens de todas as sociedades capitais,
aos futuros que surgirão na anódina representação do presente,
e fico-me sem saber como continuar a viver, só e súbito, dédalo!
Acabarei alguma vez um poema, quero dizer, esta ânsia, desassossego
de dias que se acabam nas noites, angústia de trevas alertadas
pelas manhãs de um eterno recomeço, eu homem, tu mistério, leitor?
Tenho contudo duramente pensado na minha vida, futura e passada,
como um louco incapaz de viver no presente o quotidiano fértil
de escassos signos e de exuberantes mentiras, sou uma abertura
para quê? Para onde? Abro-me para que me leias: sê, liberto!

SUAVIDADE

Há uma paz tão disforme na minha felicidade de hoje
que me julgo subtraído ao ar que não sei respirar,
sôfrego de vida, apto a calcorrear todas as ilusões,
que por vezes na sombra mirífica de uma falsidade
encontra-se a utilidade de não questionarmos a repelente
monstruosidade do destino como o sofremos nos nossos dias.

Mas, ah! as noites deste começo súbito de primavera,
como fazer sentir ao leitor esta abundante alegria
derramada sobre os meus sentidos até então anquilosados,
como descrever a harmonia entre mim e o universo alto,
com estas palavras já tão vazias de um conteúdo semântico,
perdidas como a nossa perdida civilização de ocidente morto,
como pois descrever o inefável na sua tentacular odisseia,
senão com fortes dúvidas de atingir o cerne do espírito puro.

Relembro o próprio esquecimento, estão longe de mim os astros,
as penas sofridas num exílio vertebrado com ódio e indiferença,
os falhanços da ambição que me projectou sobre o futuro alvo,
longe de mim a angústia suada de uma fome que não perdoa,
nem destina ao homem outra oferta que a morte ou o crime lasso.
Longe, fimbria nívea da memória, o tumulto da cidade apodrecida,
os passos de gente que procura na azáfama um dorido esquecimento,
os olhos de jovens mulheres perdidas no insentido de um mundo,
as vozes sagazes de homens que descortinam no caos um sentido.

Não estou só. Como o poderia estar, se estou comigo, página
que aguarda o silvo benéfico da palavra que surgirá sublime,
tela de uma catapulta de sonhos irisados e desmerecidos,
como evitar esta natureza que se corrompe para fortalecer
a primavera com rebentos e vozes de ventos que vociferam,
como ficar indiferente ao murmúrio de águas nos rios líquidos,
agora que a paz, realidade e desejo, irrompe como uma carícia.

Pletórico de imensas forças, a visão que ejaculo tal uma seiva
que fertilizará o cosmos banha-me como mãos de mãe ainda viva,
a terra onde estremeço faz-me terra para que adormeça no seio
da humanidade que bafeja hálitos de suavidade, a outra peste só!

LAVA

Pudesse eu ao menos sentir a inviolável voz da noite
quando no escuro da casa que dorme ou ronca o silêncio
volita como uma ave dessangrada que foge do peito quente
de um homem que não sendo poeta reflecte na sua visão
o primeiro espasmo do universo no grito da criança
que nasce e sente o frio da terra no desconforto essencial
do mundo como terá que ser vivido para que a morte signifique.

Lavas! Lavas de sentidos penetrando na sensibilidade debilitada
do homem que olha o exterior e vê no céu as estrelas tutelares,
as palavras que amou quando teve tempo para estudar os livros,
as mulheres com que sonhou quando não conhecia a real mulher,
os caminhos do universo tão longe e ao mesmo tempo tão perto.

Aqui, na minha mão, aqui, nos meus olhos míopes e despovoados,
a beleza intransmissível de um destino que ressurgue harmonia,
anêmona nas suas implicações sexuais e outras, casa do ser,
mesmo se a filosofia desgoverna o mundo e nele reina a guerra.
Aqui, neste olhar que se espraia e ressentido e pressente o vazio,
o calor de um vulcão desprezado que desperta novamente para a vida,
o brilho impensável de uma luz que nasce da terra e absorve a noite,
aqui, no meu peito de homem cansado pelos deslizamentos da corrupção,
a possibilidade mil vezes impossível e sempre ressuscitada,
a abertura para o futuro como terra não só prometida mas conquistada!

Mãe, o teu filho fez da morte um lugar privilegiado do sonho;
Pai, longe de ti, busquei no simulacro da felicidade a razão
de haver riqueza e pobreza, altos e baixos, fome e desperdício;
Irmãos, a casa, sítio do amor, não é um mito da sociedade moderna,
mas uma invenção perpétua para que quem nasça se faça amor.

Com a mulher, absorvo de tanta lucidez na clarividência do momento,
procuro a perfeição de corresponder ao sonho de mim mesmo outro,
com a filha, ingênua capacidade de comunicar a presença do homem,
brinco e finjo-me a alegria que se desdobra em carinho e educação.

Sim, senti a voz nocturna da noite no silêncio sepulcral da casa,
não estremeci de medo ou de compaixão, sorri para o perigo futuro
que espreita em cada passo dado, conheço a fragilidade de tudo,
escrevo consciente do mito que elaboro, mas como ser novo homem?

IMPOSSIBILIDADE

Mas há sempre um outro poema na tessitura esporádica
daquele que se escreve, essa sombra de uma possibilidade
que não encontra nas palavras o fulcro da existência
nem a angústia da descoberta de um outro mundo invisível.

Aí, nas entrelinhas do comum acordo com a arte poética,
surge, para quem sabe ler, a ténue imagem de um sonho,
a infravoz que não clama nem se insurge contra a norma,
a esperança numa outra arte que seja definitiva e de todos.

Vivi todo o dia como tenho vivido todos os dias:
simplesmente, na diária construção do que se perde,
juntando ao presente a memória do passado experiente,
para que o futuro resolva em mim a dualidade das coisas.

Aprendo pela primeira vez a olhar; tenho tempo, espaço,
busco na meditação facultada pelo lazer o brilho do ser,
como homem que sou na imensa mediocridade da época azeda,
tentando ser mais do que humano no prosseguimento do alvo.

Há, êxtase e transe, ou nada disso, este súbito silêncio,
estremeço e aguardo a vinda do que por natureza não vem,
sei esperar no calor de um tumulto que galvaniza a alma,
perco-me e acho-me, subo e desço, caminho parado o todo.

Na total repercussão deste segundo ignoro as palavras,
estático diante dessa aparente visão que não visiono,
perplexo por ainda estar vivo quando tudo se desmorona,
feliz por saber que não sei atingir o auge de mim mesmo.

E tudo o resto, os outros e o mundo, visão da terra imersa
na confusão e no opróbrio, os homens e as sociedades díspares,
os disparates que se fazem poder para governar a guerra,
cataclismos e hecatombes, catástrofes que não posso sentir.

Vivi um outro universo no reverso da realidade contemporânea,
escolhi o exílio como lugar da pureza que não redime nem ama,
sofri a solidão e o cansaço, a exploração de outros homens,
fugi do pesadelo para regressar ao antigo lar do desassossego.

IMPOSSIBILIDADE (2)

Agora, indiferente ao que se passa lá fora e é história,
descubro em mim uma alegria que não se traduz pelo riso
nem pelo esplendor de riquezas que só empobrecem o homem,
antes pela paz, pela harmonia fictícia talvez ou não,
importa repensar o universo quando pela primeira vez
se vive um mistério que nos oferece prazer e descanso?

Quis mudar-me, arrancar-me ao nascimento da desigualdade,
transformar o mundo no que ele tem de inumano e de estéril,
consegui apenas trilhar caminhos de pesar e de morte trega,
sem um braço amigo ou uma casa amena para descansar os ossos.

Cheguei aqui, a este sossego que enobrece, à calma tarde
que desce sobre a terra como uma blandícia insuportável,
suporto a ataraxia destes momentos que me sobem ao gosto
e canto hinos de vida ao tenebroso enigma que ama a dor.

Nada mais me pode ferir, não porque ficasse insensível,
mas porque me tornei a eterna ferida que se consente,
num arremesso de vitalidade que desmente as antinomias,
com esta experiência acastelada para não traduzir ódio.

Verdade que odiei mais do que amei, tudo o que se me deparou
vinha juncado de corrupção e de escárnio, homens como mulheres,
crianças que se queriam já adultos para vencerem o logro,
ideias e ilusões transpostas na essência de uma irrealidade.

Começo sempre pelo fim, estranho! Nasci na morte do ocidente
e morro talvez no nascimento de um outro possível sonho,
o meu destino é não o ser e perecer logo que vislumbre
no horizonte uma razão para ser feliz e viver na liberdade.

Ah! não vos falo do conhecimento nem do que não soube aprender,
concutido pelo desastre deixei-me vaguear nas correntes nefastas
que me levaram ao clímax da escravidão em terra dita dos homens,
aí morri, petrificado como uma memória que quer a todo o custo
sobreviver para mostrar ao tempo que a história da contingência
é sangue e espírito do homem que sofre e deseja atingir a vida.

FORÇA

Talvez que só a força seja a real imagem solene
que perpassa através da minha vida como pletora,
sinto uma vontade indómita de me expandir no verbo
que enluta a natureza e recria uma ilusão maior.

Estou na terrível contingência, surdem os dias,
novas auroras, acasos sem bitolas nem escassos carinhos,
estou só, factício na desídia que me depaupera e entrava
o sentido de uma realidade que se furta ao amplexo.

Recolho na clivagem da memória palavras suaves
capazes de me elevarem ao humano, descubro nelas ilhas
de um desespero altivo, clareiras de dor, flâmulas dévias
que chamam, como escaninhos de telúrica mentira, a terra.

Vivi na guerra mais mascavada de toda a história,
olhar colabescente que diviniza o húmus e o lodo,
fardo de um saber que não avança para o eixo futuro,
antes revigora com morte a pernície e a queda ingente.

Falo de mim, eu que me calo, na sibilante fraqueza hodierna,
como um testemunho que se encontra deturpado pelo presente,
invento sonhos e imagino outro paraíso nas trevas coetâneas,
fujo de mim para que, regressando a casa, o suplício se renove.

Mas sobretudo, não sei. Ignoro a efusão do verbo com a carne,
tacteo na derivação de um sentimento que se despreza,
escolho o escuro do universo para parir a alegria cava,
temeroso como um escarro que escorre ao longo de goteiras.

Não há a chuva nem o sol nos poemas que fabrico com asco,
antes esta espécie daninha de cerebração incontestável,
a dificuldade de atingir a meta que se levanta ao longe,
a negação nugativa de uma vida que não está à altura da hora.

Sim, escrevo, louco e febril, na força da idade e tão só,
escrevo o tirocínio da vida quando metade do mundo sofre,
como um destino inefável que se esconde da luz invisível,
escrevo o ódio e esta pervigil alegria que me sufoca: amo!

2/3/76

PORTA

Há uma porta diante de mim, fechada por agora,
passagem que temo quando o delírio frio da vida
sulca no espírito regos de sangue que fertilizam,
a terra na disponibilidade genesíaca e redentora,
o homem que tento ser no quotidiano irremediável.

Para lá dessa porta, sei, instintivamente sei,
a loucura como absoluto de tudo e irreabilidade sóbria
espera-me, contusa por demorar mais tempo que o aprazado,
ignóbil por saber quem vai vencer esta luta de vida ou morte.

E no entanto, ó vida! esse extraordinário apelo,
vozes que lambem e acariciam, dizendo-me que perco
uma oportunidade subtil para reconquistar a essência do ser,
a verdade que me fustiga pela sua ausência empobrecida,
a liberdade total e a todos os níveis, livre como o amor.

Fiz tudo para desmerecer esse fascínio, criei família,
enchi a casa com móveis baratos do perecível conviver,
li livros de opostos sentimentos e de razões térreas,
fugi do passado como uma sombra que se revela à luz,
tudo tentei para afugentar esse diabólico apelo,
debalde resisto ao sortilégio que me quer mais do que eu.

Há nas entranhas daquele que me faço uma dúbia revolta
que vocifera lágrimas e arremessos de futuro esplendor,
há uma ânsia que ferve e não desmente a pacacidade ínvia,
em mim tudo pode coexistir na amplidão de um conúbio aceso.

Tenho medo de franquear essa lúcida porta para o incógnito,
sabendo contudo que só nessa travessia eu encontraria a paz,
a felicidade definitiva, o amor possível, a morte como começo!
Viver na casa do impossível trar-me-ia a anormalidade social,
o desprezo desfigurado das multidões que só gostam do monótono,
o castigo por ter infligido um duro golpe à regra e lei do mundo.

Vida, peço-te, neste patético e irrazoável poema infecundo,
deixa-me sempre aquém dessa porta que me quer puro e único,
não me permitas a ousadia nem a tentação, faz-me cobarde!

RESSORÇÃO

Estou na terra e vivo, homem do século vinte,
entregue à sucessão dos dias que se fazem destino,
preocupado com o futuro e tentando compreender o passado,
o presente, tempo que flui e se escoia, é acaso e pergunta,
nos percalços e nas vicissitudes, nos acontecimentos reais.

Nasci de pais, sublime como um desejo espiritual,
sou hoje pai, recriando a humanidade como um forçado,
na tentativa quantas vezes falhada de transformar o mundo,
para que tudo seja possível e o homem viva feliz e apaziguado.

Mas há poderes que vêm de um longínquo passado histórico,
hábitos que acorrentam o homem à escravidão de vícios sociais,
indiferenças que não ultrapassam a feroz monotonia do tédio,
dores que se ignoram ou não sabem como alcançar o alto estágio.

No meio dessa confusão de valores, num mundo em convulsão,
eu, na impureza de um real que me quer peça de uma máquina,
e os outros, homens e mulheres e crianças, colectividade nobre
onde a amizade é um mito acerbo e uma impossibilidade actual,
que só a revolução, total e perspicua, poderá restabelecer o amor.

A casa onde vivo não é a minha casa. Pago para viver,
trabalho para merecer um descanso de fome saciada,
dão-me escassas moedas para que possa sobreviver,
o sistema precisa de escravos e de braços poderosos.

Falo com os semelhantes, ouço desconchavos indecentes,
opiniões anquilosadas que os altos poderes outorgam,
belos enganos que petrificam no escravo a vontade livre,
ilusões alimentadas com o brilho mecânico de uma esmola.

Explico a razão de haver um poder, governos e burocracias,
mostro-lhes, dentro das minhas possibilidades cultivadas,
o logro em que labutam, a vida miserável que arquitectam,
sorriem-me como cães e estão de antemão mortos, cadáveres
que sobrevivem para atingirem a imagem sagrada do senhor.

Sim, estou na terra, mas como viver cercado de escravos?

ÁSCUA

Homem, abro no quotidiano palavras fechadas pelo tempo,
na tentativa escuril talvez de recriar um outro universo,
para que os olhos e os passos encontrem no mundo moderno
uma terra virgem e boa, lugar do espírito e do poético.

Esqueço quem sou. No meu começo, diziam outros poetas,
está o meu fim. Percebo, assim como a frase contrária,
ambas verdadeiras para o sentido incerto do insentido
que tudo recobre numa luz de fogo e num escuro de trevas.

Fujo de mim, ficção humana e mito filosófico, essência
onde escabujo, na violência de um signo que acontece,
inquietação que é apanágio da irrupção do ser velado,
estar no mundo, ser homem, ter nascido, vivido, ir morrer.

Mas e sobretudo esta acalmia hoje, em mim e no redor,
o silêncio da vida a ditar-me leis do impossível,
a história feita de homens nos jornais quotidianos,
os próximos, por vezes tão longe, outras vezes tão perto!

Aqui, leitor, aqui é onde vivo, cendrado pelo ilimite,
capaz de reviver todo o passado que me jugulou a liberdade,
incapaz contudo de sofrer mais do que é humanamente possível,
imaginando já uma alegria que tingirá o universo de futuro.

Aqui, sincero como a mentira que dói quando se diz a verdade,
eu e tu que me lêis algures sobre a superfície do globo,
na união do espírito que ressequido busca o fogo e a água,
na amizade que só a distância impede de ser real e vera.

Levei anos de ignorância e de medo para chegar a este ponto,
calcorreei todos os caminhos que se me ofereciam na crueldade,
li todos os livros que me deram a grandeza de me saber único,
para que hoje, aqui, eu pudesse dizer-te de que sangue vivo.

Viver! Na iminência do perigo, rodeado de ciladas e de halos,
os sentidos bulímicos para que a realidade seja também homem,
as opções emitidas em momentos de angústia e de circunstância,
viver! suave além que ultrapassa o imediatismo onde nos escoramos!

DILÚCULO

Nem tudo porém é paz. Há as vicissitudes diárias,
os desencontros dilemáticos com os semelhantes,
os percalços da última hora para uma resolução trivial,
o cansaço no corpo enorme que perdeu a agilidade jovem,
a indiferença às curiosidades do espírito que atraíam ontem,
o pavor ctónico de uma anfigúrica apreensão pelo amanhã.

Sai o sol na manhã que brilha sobre a terra esquecida,
levanto-me perplexo por estar na roda furibunda da vida,
abro a janela que dá para o nascente e vejo, ó maravilha!
um escarro de sangue no fundo azul do céu insofismável,
como um milagre possível para as almas raquíticas,
um desígnio incompreensível que arrasta o espanto.

Invoco a ausência de uma invocação possível hoje.
Assim, repiso essa ideia que me sulcou outrora e sempre,
ser tão jovem no turbilhão do universo que se eternaliza,
ignorante e falho de princípios que me alcem à sabedoria,
impossível, digo eu, atingir a fulgência do ser, o nó ardente,
e depois continuar a viver o dia a dia como se nada fosse,
possuindo um segredo que me enlouqueceria, saber, saber o Ser.

Ai daquele que me ler como se eu fosse um poeta metafísico,
nunca compreenderá a origem das palavras que vivifico com dor,
a direcção que nelas impregno, a intenção que aí transfiguro,
a esperança que elas destilam no marasmo intelectual da época.

Simple é a humilde aventura que afloro em sopros irremeáveis,
complexas as atitudes frente ao destino como sentido impossível,
escrevo no furor acerbo de uma suspeita que dilacera a alma,
falhar o meu escopo, ser mais do que nunca verdadeiro com palavras.

Assisto ao amanhecer de mais um dia de inverno no clima benévolo,
relembro outras terras onde o sol era literalmente diferente,
sei que sou uma metuenda espécie de somatório de sensações volvidas,
a pureza deste olhar que enfita no horizonte é um mito essencial
para a compreensão do homem como inquietação anímica e lar ameno.

As palavras abandonam-me, extático e sereno brilho na luz do sol!

SOLAMA

Férvido caminho o trilhado pelos passos defessos,
nele colhi uma memória de experiências inutilizadas,
um cansaço que me tornou adulto com olhos de soltura,
uma febre que tudo quer questionar na estesia possível,
uma cegueira afeita ao frio intenso de vazios de alma.

Diante do nada macaqueei todos os figurinos da alma pletórica,
invecivei a profunda injustiça que desfigura os homens históricos,
sofri a viscosidade sexual de uma solidão votada ao exibicionismo,
captei irrazoáveis sentidos que me deram a medida da monstruosidade.

Fui nada. Na blandícia de um hálito velho como a corrupção,
o poder atraía-me como um sonho velhaco que se desrealiza,
a mulher mito paradisíaco que me ensinaram a amar na escola,
o conforto doía-me na ausência que se revelava no exíguo exílio.

Houve um tempo para odiar os homens e o cosmos imperfeito,
trazia o coração em farrapos e baixo como línguas de cães,
a inteligência abandonava-me depois de sérios anos de estudo,
a sensibilidade embotava-se ao contacto da ideia fixa opressiva,
tornava-me a máquina que odeia a máquina no mundo contemporâneo.

Mas a vida, insensível aos rogos e afeita aos cataclismos,
empurrou-me para fora desse nateiro onde o dia era noite,
levou-me de mãos dadas à febril necessidade de ser homem,
como um castigo fatal que salva o desastre de uma morte.

Ignoro se houve um momento de clivagem, qual esse segundo,
viajei sobre a terra para reconhecer que não me tinha perdido,
sólido como uma pedra perfilhava-me na erosão dos dias férteis,
aprendia a viver sem simulacro de festas ou carnificinas poéticas,
sabendo contudo que só a morte me espera, alta necessidade da harmonia!

Hoje amo tudo o que o amor pode tocar sem se ferir nem deturpar,
entre mim e o resto estabelece-se uma comunhão tão grande e firme
que por vezes penso que enlouqueço por conter em mim a chave do universo,
desmereço a pacacidade que me banha com os seus óleos profanos,
como outrora, no clímax do sofrimento, desmerecia a odisseia terrível
que não compreendia, homem que estava habituado a ser, mas que homem?

PLENITUDE

Inicialmente vazio, embora repleto de sentidos,
recomeço a escrita que se faz possibilidade actual,
incapaz de desfigurar o real que me incita ao sonho,
impotente para ludibriar a profusão de sinais exímios
que penetram na minha sensibilidade afeita ao horror.

Esdrúxula invocação a minha, corroída de estranheza,
estar no mundo como uma viagem que se quer acesa
por entre escuros nevrálgicos que traduzem a queda,
não só da possibilidade que habitou ontem o universo,
como do homem no recesso indomável que esconde em si,
figura dupla de múltímodos contornos existenciais,
apanágio de dor e de prazer, vil estremeço da alma.

Leio velhos livros que escrevi outrora com sangue,
longe do espírito mas tão perto da inteligência
que recebia dela um fúlvido calor que me abrasava,
leio e recolho os olhos para a meditação insulada,
perfazendo assim a história de uma poética que ama.

Pletórico assimetrismo do sensível e do perezível,
em vão vesgamente entendo as falas do intransmissível,
debalde finjo que pertenço ao verbo que abre o futuro:
a dor, minha como dos outros, é mais real que a realidade,
lugar sem excelência do excelso estilicídio vulnífico,
saída imponderável para o impossível como meta almejada.

Para lá da arte, particularismo de uma poesia diferente,
as palavras escolhem-se e estabelecem na sensibilidade
uma estranha razão que desmente o raciocínio moderno,
as ordeiras palavras que saco ao dicionário neutro
surgindo com o estigma de uma crueldade igual ao amor.

Medo, morte, mudança arcaica que se reveste a meus olhos,
no insignificado mais que significante que arde nas coisas,
como um fogo que descobre em si o Ser, independente do nada,
para que a vida, literalmente conexa com o degredo, viva.

7/3/76

ESTREMECIMENTO

Desagua em mim um além vindo do longínquo esplendor de outrora,
odisseia do periclitante e cegueira visionada pela inquietação,
minha, que sou o começo insuportável de outra coisa no homem,
tua, que lê na prefiguração de uma ideia a imagem do futuro prenhe.

Verbos, velhos e novos, sinuosos como um apocalipse da verdade,
irrompem na estesia do momento e copulam os arremessos vis
de outras sentenças desfeitas pelo sonho que galvaniza o homem,
verbos do perecível, carregados de ritmo e símbolo, edificantes
como uma tentativa de alicerce no cerne meticuloso da alma!

Estremeço de gozo, venho-me, assumo-me elo de ligação estreme
entre a morte que foi e não volta e a vida que ainda não é,
ideia que se faz do futuro, realização de pedras sobre pedras,
para que amanhã, sobre esta mesma terra, fértil de castigos,
exista o paraíso, harmonia de vidas na ociosidade fraternal.

Mas também sei regressar ao redor sem esmorecer, revejo os espeques,
larvas de hoje onde nos escoramos, sorrio do estranho pensamento,
transfiguro a imagem que se me depara, viver é desde quando morrer,
e morrer não é talvez uma estúpida necessidade que a poesia desmente?

Abro-me como janelas de vento ao sol de dias que iluminam as trevas,
alegre e ligeiro transformo o passado numa experiência aproveitável,
lembro-me da minha história como incoincidente com a outra história,
entristeço subitamente por não ter compreendido que não há compreensão!

Espraio-me certamente, vogo e vago, calcorreio e trago com sofreguidão
o que de dor foi a minha missão no mundo, homem desprotegido no universo,
terso estilo que se desmoronava como as ruínas dos tempos excelsos,
agora recorde, subitâneo e ardente, o clímax na orla marítima da memória,
estava eu nesse promontório que os poetas inventaram para justificar
com palavras o insentido realmente sentido na eclosão de uma mentira,
tudo tão velho, mesmo na impossibilidade de acabar a ideia que levedou.

Traço, hoje que escrevo hoje, uma linha metafórica no papel imaginado,
assim, como quem não se apercebeu da realidade que cerca os sentidos,
para que amanhã possa ler nas ossadas de antiquíssimos revérberos
o fulminante destino de um homem no homem que governa o acaso poético.

COERÊNCIA

Sedativo mergulho na pacacidade da tarde,
este reflexo nodoso sobre todos os objectos,
poeira nítida de fixos requebros no ar tumefacto,
roldão e lar, sim, mais do que tudo, este acerado Nada.

Nada se introduz na minha visão pobre do mundo moderno,
fico sempre aquém, no limite que a inteligência arvorou,
bóia que descobre nas águas superficiais corpos de almas,
escamas de um sol reflectido como a consciência em dor.

Amar ou não amar, não é esta a questão fundamental:
mas ser ou não ser, e como conseguir fugir ao nateiro
para se alçar ao cimo invisível que chamam as vozes:
no silêncio da noite, quando ninguém dorme e velo,
vela para o insuportável sonho de ter conquistado
com o meu sangue e a minha argúcia a inquietação,
alor que derruba em mim as barreiras do quotidiano
e me impulsiona ao ilimite, explosão de sentidos,
desconexão de raciocínios, estridência de um abalo.

Sou irremediavelmente só na complexidade tutelar
deste novelo que é o mito da vida como deve ser vivida,
estranho as poesias como as filosofias, só a vida caudal
enraíza no meu cerne uma lança de despedidos estigmas:
encontrar um sentido, ou uma caterva de símbolos queridos
para que os passos doravante traduzam a segurança e o amor.

Como no princípio, abandonado e só, sem conhecimento,
puro sentir reverberado nos sentidos que a carne oferece,
mas como volver ao começo se não morri e tudo continua,
sonho ou realidade, com esta memória, infraestrutura do nada?

Apetece-me ir mais longe nesta demanda da outra face,
para que a vida juncada de cadáveres de ideias geniais
redescubra uma razão para se instituir alegria álaçre,
nos percalços do caminho, na tentativa constante em atingir
o Ser que em tudo permanece e em todas as manifestações é.

7/3/76

TENSÃO

No amorfismo telúrico de uma ingente instituição,
a alma, brota um espasmo que rivaliza com a ideia,
sensação pensada no exuberante bruxulear das coisas,
fogo fordo de uma animalidade que já não teme a morte.

No processo polvilhado de vazios e de pletoras,
surge, tal um vórtice que desumaniza o quotidiano,
a impressão que se vive um outro universo no reverso
do mundo que conhece em nós os filhos da monstrosidade.

Há, no discurso que nasce, fere e desaparece, o brilho
de uma necessidade que procura a todo o custo fundar
na terra última um lar onde tudo seja harmonia e cor.
E na palavra que antecede o verbo, irrompe um espanto
que desfigura as pedras, alicerces do futuro, movimento
tentacular que no vaivém irrazoável edifica o nascimento.

Luz em mim esta explosão de sinais iguais ao turbilhão
que sobe e desce dentro de um mim que se desconhece,
a sinceridade é o único garante de uma verdade humana,
longe ou perto da arte, para que a vida seja novamente.

Perfilhei outrora as sensações do imediato inato,
materializo agora os sentimentos do fulcro acme,
aqui, no simulacro de uma decisão que será decisiva,
aspiro ao puro calor que nasce no exílio do sol.

Terra, aparece mais uma vez feita homem no começo,
traduz em cantares o estremeço de um futuro berço,
colhe no redor uma esperança que não abandone o sonho,
surte no magnífico desabrochar de primaveras e flores,
aqui, invocação e desperdício de sensibilidade literal,
um coração desdobra as imagens definitivas de um nascer.

Malho o passado e exprimo no que espremo o sentido
voraz de haver no mundo um homem que questiona e teme,
verdadeiro algoz do tremebundo deslize para o absoluto,
sítio invicto do desfraldar de alegrias e temores,
ponto esdrúxulo onde o mais que não se alcança é,
ilusão ou miragem, necessidade premente, anelo isento.

CLAREZA

Esqueço tudo o que aprendi. Recomeço o processo
da sucessão dos dias, inventando como uma jovem poética
a necessidade de escrever a inscrição fatídica no portal
que não existe, figura de uma mitologia onde o saber humano
escorrega, tropeça e come a poeira indecente do caminho vil.

Clarifico o que subsiste do meu destino intransponível,
abro os olhos e vejo no recesso do mundo outro signo,
essa vontade destemida em atingir o cerne da última questão,
ser na pureza de uma alacridade que não iluda a crueldade.

Palavras, homens no decorrer da história, ocidente e oriente,
Grécia odiada pelo cataclismo que origina vinte séculos depois,
Grécia amada na poesia onde o essencial não se confunde com a moral,
lugar possível onde o ser brotava das coisas como a humildade nobre.

Possuo o quê? Sou um homem que nasceu algures no planeta,
aprendeu com os pais a dizer sim e não, na língua do acaso,
que foi à escola onde o social surgiu no horror da injustiça,
que se acobardou na indiferença de uma realidade tumefacta,
que fugiu da guerra onde a morte seria uma dicotomia inútil,
que sofreu no exílio a dor de se ter perdido nas referências,
que conheceu o êxtase como apelo de um além profano e terrestre,
que regressou ao lar, imagem altíssima e altívola de um mito,
para que a escrita do presente estivesse carregada de amor.

Esqueci esse tudo o mais tão essencial como o nó vivencial,
o destino do homem é desobedecer ao marasmo da prisão leda,
fingi ignorar a alegria para levar a bem a dor imprecisa,
nada do que sofri foi válido, tudo, mas mesmo tudo, estava além.

Agora tento, como uma criança, reviver esse clarão que iluminou
a noite pervagada de loucura e de incêndio, relembro palavras
que outrora me sulcaram na impossibilidade de serem escritas,
sabendo contudo que serei coroado com um falhanço exigente,
que a busca empreendida pelo meu olhar e pelos passos vadios
cifra-se ao impossível como inultrapassável áporo inocente.

Mas continuo, sáfaro e nu, perplexo por não ter ainda perecido,
eu que soube o sabor amargo da desistência e da morte precoce!

FASCÍNIO

Voo icário ou viagem manchega, a vida icástica,
pausa silente que introduz no espírito do homem
um véu de paz, de harmonia e de profunda questionação.
Excídio que acarreta na penumbra do avatar presente
o êxtase, ilimite de uma necessidade que devora o lugar,
apóstrofe do absoluto como construção da mentalidade
que o ocidente engendrou nas entranhas da origem:
Ser, no redemoinho turbilhonante da inquietação.

Eu, aquele que escreve a palavra feita de palavras,
no discurso que sobe como uma luz que ilumina,
os vãos e os recessos, escaninhos do intemporal,
na aprendizagem de um sentido que busco no roldão,
descendo ao paroxismo de uma miséria irmã do destino,
no fulcro da ideia que desfaz a névoa e cria o mito,
vagueando como uma sinuosa inteligência ablutora,
eu, escrito no sinal maldito que explora o século.

Tábido caminho o pervagado pelos farrapos icorrosos,
a casa desfeita nas ruínas de um passado indelével,
o lar deixado para que a realização fosse possível,
a pátria indecisa como uma esmola que não tem siso,
o exílio esqualido de uma aurora que não aparece:
aqui, indiferente ao acaso que se faz hora actual,
escrevo a imagem poética de um vulcão imemorial,
aceso como a chama que aquece o espírito futuro.

Claro que não surge no poema uma visão nobre
do real como tentativa de suplantar o sonho,
antes a confusão essencial onde o homem escabuja
para chegar ao ponto da partida, no fim o começo,
como um eterno regresso ao berço que nos embalou,
para que a palavra isenta e o verbo mitológico
irrompam na cegueira de um marasmo que definha
a possibilidade do homem atingir o alto supremo!

8/3/76

AMPLEXO

Homem deste extraordinário presente que prevalece
escolho o olhar que desce sobre as coisas à volta,
e vejo, na fulguração de uma sensibilidade acesa,
o mundo como dinâmica humana sobre a terra adusta,
hoje que perdi a noção do real e auairo da loucura,
para que o momento seja mais poético que o fazer,
para que a vida surja com outras necessidades novas,
orgasmo e amor na difusão apocalíptica de um anelo.

Inscrevo, sobre a casualidade de haver outros homens
e uma sociedade onde a vida nunca é só nem deserta,
o testemunho anfígamo da minha procura de outra coisa,
para que amanhã, aberto diante dos olhos que não existem
ainda hoje, eu possa ser lido, não como realização plena,
mas tentativa complexa e perpétua que dura quanto duro,
numa angústia que não rivaliza com a alegria simples,
que a chegada ao ponto onde culmino é de vîgil pureza.

Assim, despojado dos mantos e das panóplias macróbias
que já me protegeram da crueldade do destino isento
e da fereza do mundo como profusão de classes injustas,
escrevo, no papel mítico que será folha de um livro,
a vida como surge na minha consciência de homem histórico,
translúcida como só é possível com o auxílio da mentira,
independente das considerações que a escola ensinou
para que o sentido fosse uma cristalização da morte.

As últimas palavras são sempre as mais penosas:
alicerçadas ao cimo indecente de uma vontade maior,
querem, com a força do alor e a subtileza da luz,
deixar no Leitor ideal uma impressão de tragédia,
a do homem como é vivido no século vinte da era,
acompanhada deste delírio que é pura alacridade,
saber que a vida não dura mais que o fátuo suspiro
de um amante que ama no outro o fascínio do Amor.

8/3/76

Casais de Mem Martins

LIVRO II

EMERGÊNCIAS

Súbitas tentativas de coagular o alor periférico da imaginação,
como neste poema onde jogo tudo por tudo
para demonstrar que é possível uma outra poética
fincada sobre o sucessivo mudar de todas as coisas,
sem leis nem domínios escusos,
antes aberta como essa ideia desperta de caos futuro
onde o cosmos brilhará como essência e acesso ao Ser.
Clivagem colmatando o vazio derradeiro da derrocada derrota,
passagem para o ilimite como sonho necessário
e viagem sem limites galvanizada no amor do próximo reino.
Riso alto, aquele que nascido da angústia brota como fogo,
para que no roldão do mundo a chama enfeite o chamamento,
voz vaga variando de modulações horríssonas,
o frio fricativo, a feroz felicidade do processo construtivo.
Aqui, mais do que em qualquer parte do globo,
o desejo moderno revê-se no espelho venusto,
a fuga para o impossível como determinante da história.
Humana pois a praça onde homem evoluo entre acintes medonhos,
clareira ágil onde o espírito descobre em si o simulacro ingente,
a vida, válida quando desprotegida da opressão erodente,
vive com a tensão que nela engendra uma alegria suave.
Era pois tempo de escrever este poema,
sobretudo agora em que a confusão confunde o ascético destemor,
quando a estética tece tecidos do imprevisível na hora,
e o amor, amarga revisão da visão de antanho,
sobe, tal um conteúdo de uma sensibilidade traiçoeira,
ao pináculo do imperecível,
para aí fundar o esplendor de uma nova época.
Salvas, exteriorização de um sentir,
exclamações de euforia no tédio plúmbeo da indiferença,
a batalha que se ganha perde o brilho de uma desconfiança,
de novo cai no homem o mortal declínio do tempo.
Súbitas as tentações de ficar prego na madeira do isento,
a carne podre de tanto sofrimento,
a alma negada em cada passo que se tropeça,
o desejo vituperado, a morte balouçando ao som da peste.
Só a imagem conta, que a vida como realidade imanente
dorme os signos do intransponível,
aqui um dito, ali um grito e em toda a parte o sítio.

Súbito frio na dardejante tarde que periclita,
suave desdita a daquele que fita o cosmos com olhos moribundos,
assim, dividido entre o discurso e o percurso,
escreve, tal uma força incógnita,
o marasmo essencial da escrita moderna que não vence,
nem o simulacro de um arrojar de mentalidades isentas,
nem o mascarado fulgor de uma aparência,
lembra-te que o ser sobe soturno sobre o álgido fogo,
na imagem do passado como na luz do futuro,
para que um poema, este poema, se faça jaça e pureza,
no espírito como na carne do homem que lê,
tu, irmão, outrora hipócrita leitor,
hoje, imensa possibilidade de mudança na terra,
para que tudo o que é susceptível de melhoria
melhore, no destino das classes que vão desaparecer,
como na infinita harmonia só possível agora,
depois de tantos anos de lutas e de cataclismos,
lembra-te, como se fosse hoje,
o castigo que galvanizou o homem de antanho,
a peste que matou a família e a ideia feroz de presente,
lembra-te do sortilégio que amparou metade da humanidade,
aqui, no súbito frio da tarde, uma paz silente,
eflúvio da vida que se desprende da vida,
larvas quentes de uma necessidade que não encontrou a voz,
lavas em brasa descendo do dévio céu em sangue impoluto,
lembra-te e diz, como um antigo enclave do sonho,
as palavras sibilinas que podem mudar o mundo,
para que o possível seja enfim possível,
e a morte um mito fito na mediocridade ingente.

Acabar pois o poema, cabendo ao leitor a sorte horrenda do luto
que paira sobre a terra, nas imagens como no sacrifício,
na gramática como no vício,
aqui, escrito como inocência, o poema aflito que diz o sítio
onde reaparecerá o ser, essência de tudo no particular,
fulgência que cega,
inclusive a palavra que rega sobre o papel o sangue redentor,
que a invenção é só mito quando desligada da ânsia
que pulveriza o homem, essa última e icástica descoberta!

15/3/76

Súbito salto sucedâneo no fulgente esplendor que explode,
palavra sibilina assaltada pela dúvida redentora,
designar ou não, nomear ou não o mundo absorto que vive
diante dos olhos daquele que vê,
como uma tensão totalmente mitificada pela insegurança,
o fim no começo, ou o destroço velho de uma outra aurora.
Ser que desabrocha como luz que se encosta no dia fechado,
lugar da visão que se espraia como uma poética jucunda,
fibra do imperecível na casa de quem lê.

Esse é o novo sentimento.

Essa a voraz singeleza de um destino.

Colhe-se na mediocridade dos dias a inteira explosão
que não só redime como realiza o real na crueldade sonhada,
com ou sem a ajuda adíadora da poesia,
que o futuro, vivido já no cerne da carne e do espírito,
é um misto de passado e de presente,
um voo sobre a placidez terráquea do mundo moderno.

E depois, pausa e medo, um brilho sedoso que se desprende
das horríveis coisas que colmatam o quotidiano insalubre,
e depois o silêncio sentido soturno na solidez suave da hora,
clareira clarividente capaz de esconder a esponja suada
que conhece a voz velada do verdadeiro castigo humano.
Indelével ousadia, a minha, escrevendo ignorância
no sítio da sabedoria perpetuada pelo universo da arte,
mas que fazer desta longânime inquietação que é origem
de uma questionação perpétua: aqui, abandonado de tudo e de todos,
pergunto na afirmação que faço onde vou e qual o caminho aberto.
Fico irreconhecível, tal o destino de toda a poesia que se preza.
Anonimato, analiso o amálgama anterior de uma excogitação externa,
e vejo, naquilo que assisto com o coração desvendado,
ao cimo de mim, uma luz que sombreia o fim e o percalço.
Fugir para onde? Barcos e ventos, a terra impróvida e recente,
como desvirtuar o sacrilégio no sortilégio avarento,
como tauriar no velho erodente o sinal invicto do novo?
Mas há um salto saliente na aridez árdua da vida,
subir ao fogo que ilumina o céu como um cadáver vivo.
Solução? Mas que solução? Tudo tão perto, e longe o brilho!

Começo,
perseguido pela imemorial memória,
a vida outra que é a escrita,
nascida da inquietação humana,
larvar ideia de um declínio.

Não mais esse mais ou menos espaço do imperecível,
age a palavra como certa magia indesculpável,
no coração doente dos homens,
na inteligência maior da estadia.

Tentativas tantas quantas as possibilidades,
uma página enegrecida é uma aventura
que não se compara nem se erige em monumento,
aprende, na cesura entre o espaço e o tempo,
que a rima enigmática é impossível.

Um sentido entre muitos,
na proverbial pobreza do mistério,
a notícia de uma monotonia extática,
risonho ciclo de uma temperatura da civilização.

Tropeço,
é certo, na incerteza,
lidos os pensamentos coetâneos,
apreendidos os sinais do fluxo e do dividendo,
a razão, o conceito, a periclitante desdita,
ser, no simulacro como na obsoleta desmesura,
pináculo cumulativo que culmina na morte!

Saltos epistemológicos,
quem não os ressentiu no âmagô fingido,
quando a vida mentia e o horizonte fugia,
viver, viver o sédulo caminho, e depois, a lira.

Leio literalmente liberto a tristeza trivial
de não ter correspondido ao que esperei de mim.
Leio versos escritos no papel que sabe a vento
e fico-me no clarão de não ter possuído o génio.
Leio esse nada que disse em cada poema que vi
como uma lâmina suada contendo o corpo cortado.
Leio lividamente icástico o riso sardónico
no simulacro de mim pairando no sinal escrito.
Leio levedadas dores que soube sentir sem expressar,
não na página cega de um livro isento, mas no intento.

Talvez possivelmente possa um dia esquecer o dia
da loucura, luz de mim em mim e sempre fria;
talvez possivelmente possa dizer as coisas
como coisas que são fora dos sentidos das coisas;
talvez possivelmente possa relembrar a simplicidade
quando tudo tiver vivido e o regresso à idade
não for um mito mas um fato altamente abjecto,
talvez possivelmente possa um dia ser objecto.

Talvez consiga um dia tornar-me um novo poeta.
Um dia de festa para a anunciação do profeta.
Talvez possa voltar ao berço já descoberto.
Cingir-me ao real como martírio aberto.
Talvez um dia na vida que vivo e não mereço
encontre uma imagem ou um sossego no tropeço.
Talvez tudo se limite ao tudo que se imita
pensando assim descobrir em nós uma escrita.
Talvez sim, talvez não seja necessária a morte
para pairar como uma névoa no significado da sorte.

Talvez possivelmente possa possuir o elixir.
Trazem-me o silêncio na bandeja e no mentir.
Talvez possivelmente possa possuir o poder
de ficar na fuga que foge para o além-ser.

Adiar, adiar para quê? Nada naturalmente será jamais resolvido, nem a dor nem o alívio, mas esta indiferença, carisma de outro fogo. Sinceramente reflico no que tenho sido, na vida que tenho vivido, com olhos e páginas de uma revelação que se esquece da origem. Fui outrora forâneo alvitre, sou agora destroço de uma esperança, desfeito o barco e as velas tutelares caídas sobre os rochedos daquilo que outros chamam a mediocridade da vida contemporânea. Escrita assim, surge como um arremesso esta desdita onde estremeço, fugir é mais uma maneira de regressar ao começo que já não quero. Tenho medo, inflexível medo que se apodera de mim quando só vou por esses caminhos que nada me dizem, que a nada me levam. Adiar, pois, para quê adiar? Noite no meu cansaço, falo do coração e da alma, dos testículos da ausência, ouço choros de crianças, e tudo tão longe, tão fora do alcance, espasmos de fléxeis olhos. Compreendo vagamente esta vacuidade à volta de mim, sem estética ou razão conceitual, compreendo tudo o que me ensinaram e foi pouco, de que me serve ter aprendido a morrer numa vida tecida de falso ardor?

Deixo pois a cegueira de hoje e escrevo hoje a cegueira de amanhã. Não sei quem fui quando no real fui, sei pouco do que sou quando sou. Mas escrevo, avidamente inscrevo, loucamente digo tudo o que brilhou, fogueira do olvido e morte, acesa cisão com a história que claudica. Disperso-me no clamor interior, passos na terra seca do tempo lívido, para quê a felicidade, o bem-estar, o sorriso demulcido, a voz diáfana?

Recomeço sempre, sempre ligado ao fim pelo berço, na terra a casa última, agora mesmo que o sol estremece de alegria e esqueço-me de ter vivido. Não sei o que fazer! Nunca soube talvez como merecer esta existência, nunca possivelmente conseguirei adaptar-me à mediocridade deste padrão: viver assim, solidamente desgarrado de tudo o que aufero como castigo, longe do desejo que outrora nasceu nas minhas veias velozmente ferozes. Recolho ao revérbero, sol e eu, companheiros impossíveis de um sonho, Incerteza de uma catapulta que me alça ao esplendor de uma ignorância.

I

Acordo. Abro os olhos e vejo tudo o que me rodeia,
sei que estou no mundo e sou um homem. Luz branca
sobre os objectos e sobre os escassos móveis vis,
lembro-me que tenho sido um destino na memória,
na mentira de não poder atingir o álgido vazio,
lembro-me e escrevo mentalmente esta página poética
que construo com aridez e invenção estreme, ilusão
capaz de significar mais que a realidade de ser.

25/3/76

II

Acordo. Estou no mundo e sou homem. Vejo
na luz branca da manhã tudo o que me rodeia,
sinto um frio de inverno no corpo desflorado,
lembro-me do vazio da noite e do afluxo diurno
que reaparece para nomear as coisas quotidianas:
entre mim e tudo o mais, eu, real olhar total
que recebe do fora todos os indícios de mensagens,
aflito por coordenar o mundo na visão matutina.

Caio sobre mim como um peso fechado que se descobre,
aberto contudo ao fora estou na aprendizagem humana
como um vento que se nomeia experiência e tempo,
fluxo e refluxo que enxameia a consciência.

Visualizo assim aquele que não podendo ser
jaz ou permanece a meu lado,
sombra fatídica de uma aurora impossível,
dor de não atingir a alegria.

Escrevo hoje este estar aqui hoje, sem saber que nada é tudo,
incapaz de mover um dedo ou uma fortuna,
capaz contudo de viver no roldão da sensibilidade
este facho de um mistério que ainda não nasceu.

Pudesse eu com o poder que daí me advém:
fingir a morte no advento de uma mediocridade fictícia,
renascer para a luz como um féretro que soçobra,
retinir aos ouvidos do além este aquém que empobrece.

Quem, melhor do que eu, pode falar em mim?
Quem, de mim, se vai pela estrada fora e está isento?
Quem, mais do que eu, fica na vida que me aborrece?
Quem, pois, padece deste mal-estar indefinido?

Cada voz é uma voz no deserto.
Atinge-se o sonho, morre-se de prazer,
foi-se uma lâmina no corte com o ser,
é-se esta sombra que desliza como uma carícia.

Sei que há a dor, poderosa maquinaria intuitiva,
sei que no estremeço louvo um outro mundo,
regressar ao lar é mais que um começo,
ficar não destrona a esperança do futuro.

13/5/76

Dissolvo-me pois na experiência insignificante,
cada dia que passa passa por ser um dia,
cada estremeço diante do Nada nada explica,
vivo pois entregue a mim mesmo nesta ausência.

Sempre quis captar este minuto diluído no ruído do tempo!
Desde sempre compreendi o que era a vida.
Agora, absorto na espera desta escrita,
prefiguro com calma e raiva a doida petulância.

Mas eis que surgem as palavras, megeras e grávidas,
vindas do infinito até mim,
fluindo como águas que lavam a memória,
ou aí depositam os sedimentos de uma esperança.

Porquê esperança?
Sorrio da brevidade da pergunta,
colho no infindo absoluto a resposta presente:
por que não a esperança?

Ouçõ gritos longe, lívidos aziúmes, caros espelhos,
ouçõ como quem não nascendo surge para a vida,
anémona de uma fulgurante despedida,
cansaço em vão.

Sou aquele que sobre a terra diz as palavras finitas:
em papéis de hoje ponho o futuro e o passado,
abraço-me à morte que campeia os descampados,
finjo que morro para não necessitar de renascer.

Há contudo sempre alguém que me compreenda:
aqui, pois que aqui me encontro e sou,
uma voz ingressa na solidão do deserto,
aquece o calor e teme a podridão da primavera!

Maio de 76

Mas há outros motivos, outros alcances,
dentro e fora da poesia,
paragens de sensibilidades perante o redor,
ágeis membranas do perecível.

Como agora, digo, eis-me diante de mim já esmola
daquele que nunca fui e portanto ficou no passado
como sombra de um delírio ou mito imperdoável,
sei do que falo?

Algumas vezes medito na mediocridade do pensamento humano,
das puras fronteiras que se enclavinham no caos,
por vezes desdigo o que pressinto para que tudo esteja bem,
infindo o meu pranto e disposto a lutar com o absoluto.

Há um halo fulgurante em redor do níveo escárnio:
aquele que viu mais do que as palavras consentem
evita o mal pior que é o de dizer que sentiu o ausente
com uma força igual ao nada.

Esse sim, esse conheceu o limite, a cegueira,
esse percorreu o caminho da canseira,
esse fui eu outrora no irrazoável domínio da sorte,
esse sou eu agora que medito na estupidez da morte.

Abro-me como essa ideia que ainda ninguém felizmente pensou:
fecho-me para me proteger da selvagem mucosa do mundo,
entrego-me ao deslize do tempo como trágica mentira,
ser, ser mais do que nunca a página em branco de uma loucura.

Subjaz em mim algo do que não sendo espírito
se assemelha ao sangue quantas vezes intelectual,
o crime, hoje como ontem, é o mesmo,
e a vitória é uma mortalha de pobreza.

Maio de 76

Por fim paro, esquecido de ter sido motivado pela beleza
que sulcou a existência vítima de todos os desejos,
paro e escuto o redor silente,
alvo para todos os cataclismos e sofrimentos.

Estático vendo os olhos.
Maravilha esta presença de tudo nos sentidos,
o tempo fluindo como um desassossego,
no espaço este estranho brilho.

Impessoal tem sido a minha vida:
incapaz de sobressair na aridez do medíocre,
fito os olhos no passado em que medito,
penso assim atingir o esplendor de ter sido futuro.

Loucos esses verbos jamais pronunciados.
Temerários temperos do gratuito acaso.
Súbito, aquém e além de mim,
um grito, alor voando com asas de fome.

Na berma há sempre uma outra estrada.
Sei-o agora que tudo perdi no redemoinho,
de nada me vale a consciência de uma antiga sabedoria,
o que ganho cifra-se ao irremediável.

Deixo-me em paz; sagrado o momento intempestivo,
altaneira leveza que se origina no sonho desperto,
aquele que escreve inscreve no sítio do nada
palavras insensíveis ao coração dos homens perdidos.

Ei-lo, sou eu, a nave do destroço conquistador,
eis-me novamente assaltado pela demência sã,
um raio de luz na inclemência do progresso anímico,
lodo no simulacro existencial de um arbítrio.

17/5/76

Ressurjo inviolado, vazio dentro do fora,
cabalmente incapaz de medir a força cósmica que me une ao homem,
no acaso mais premente, pungente desígnio de outrora,
medo extraordinário de galvanizar a inspiração.

Pausa para meditar na impossibilidade de meditar.
Calma em redor, em mim, este súbito vulcão.
Estremeço com o silêncio que me acaricia,
tento na escrita de agora realçar a minha desordem.

Quem sou?
Homem.
Para onde vou?
Não sei.

Espera-me a morte naquilo a que chamo o fim.
É tudo o que sei.
Antes disso há esta sucessão de dias,
anos que passam e envelhecem a alma e o corpo.

Sim, talvez não a alma. Essa, talvez reste sempre jovem
como no primeiro dia,
sobejamente sofrendo os percalços do caminho,
incapaz de se arvorar ao destino da pedra.

Há uma certa profundidade nisto:
viver como se fosse perenemente eterno,
sabendo contudo que o final existe,
espécie de porto indesejável ou não.

Reconheço que já fui mais novo.
Descubro em mim mil possibilidades de vida vivida
que não sou capaz de coordenar em harmonia,
a visão que possuo do universo nem é caos nem regra,
tudo gira em volta deste nada que sou eu:
como pois viver de outra maneira?

Maio de 76

Nada de essencial me escapou:
sofri haver outros homens diferentes de mim,
gozei saber que continha o universo no espírito,
iludi-me talvez diante do profundo mito que sou.

Importa agora sobretudo ser lúcido.
Rever toda a minha vida passada como um sonho,
estudá-la nos seus detalhes mais evidentes,
amálgama de sentidos que buscam a verdade.

Mas ao reviver a inexistência de ter sido,
sinto um vazio alegremente alicerçado na disponibilidade,
descreio do intento
e viro-me aflito para o futuro mais além.

Quem fui não interessa verdadeiramente.
Quem sou jaz aqui bem perto e vive-me inquietação.
Quem serei surge a cada momento de espanto,
acaso e necessidade no seio mirífico da contingência.

Fui como toda a gente superficial:
amei talvez o efêmero e o perecível,
diverti-me com a dor de não me ignorar nunca,
visualizei no papel do génio a obra impossível.

Aqui estou pois para poder descobrir-me uma vez mais.
Descubro-me? Entre a brecha da mítica muralha
vê-se uma nodosa construção de vontades e desejos,
foi isso a vida, é isso o que me preocupa?

Interrogo o silêncio.
A resposta não existirá nunca.
Ânsia em mim, pavor e receio, loucura perpétua.
As palavras encobrem-me de clareza e espanto:
até quando?

Maio de 76

Como um raio negro na pacacidade confusa da manhã
escrevo e sinto o inefável, não só real e mito,
mas loucura que ferve nesse ponto ilimitado da minha sensibilidade:
Ser, aqui e não agora, no perpétuo eterno.

Fulminado por fora, recolho-me ao dentro que me desflora,
há esta música afeita a todos os feitiços,
astros no rodopio do impossível,
clareiras nos pensamentos abstrusos.

Perfil da dor.
Câmara do absoluto como ideia ou fulcro essencial
de uma mediocridade que é terra e fim na morte,
de tal maneira aufero de um elixir magnífico.

Vago por entre vagas sucessivas de apelos diurnos,
fecho os olhos no sono hoje já impossível,
sinceramente admito que invento a vida
no fito quantas vezes ignóbil de me purificar.

E sobretudo, compreendo.
Venho desse desassossego onde tudo se resolve,
não na armadilha de uma solução insolúvel,
mas no desespero que ateia o fogo à alegria mesta.

Cinzas que são vida,
formas do imperecível e da estranha esperança
que se alcança quando nada nos dói,
viver é não saber como se vive carne e espírito.

Calmamente medito, preso ao contuso turbilhão de signos
que deslizam por mim como se eu fosse eu,
nada estranho,
o preço que pago liga-me ao clímax do sonho.

Maio de 76

Melodia invisível ao som que crepita no âmago da vida:
mais uma vez escrevo pressionado pelo silêncio
que galvaniza aquele redor onde me inscrevo,
figura humana com contornos de futuro.

Apercebo-me que não há nada,
que tudo se reveste de um manto impuro,
colmato a ausência fictícia com o sonho real,
viver, viver o impossível.

Mais do que a palavra,
antes do sol que não sabe nascer,
no acme de uma dor que se transmuda em homem,
estou aqui e resumo em mim a inexistência do Tempo.

Sinto-me contudo na carne que me constrói.
No espírito que flutua teço ardis de memória
com visões que se juntam quotidianamente ao tesouro
calorosamente escondido na apetência de sentido.

Velhas perguntas suscitam novas respostas.
Mas a questionação essencial,
essa permanece como um deserto solitário na alma,
alor para o alto que não nega o chão da terra.

Sei que sei algumas coisas.
Sem optimismo nem dogmatismo excessivos.
Viver é saber que existiu um começo no princípio,
que haverá um fim no último estertor.

Entretanto, no âmago de momentos como este,
consciência acasalada à sensibilidade redentora,
digo na voz que paira
a minha estadia de homem sobre a terra.

Maio de 76

Já a tarde desabrocha num estouro de cores impossíveis,
fruto que acalento na minha melancolia,
já eu próprio desço à música da loucura
como um naufrago de uma intensa felicidade.

Ah, estou sozinho!
Transbordo esta força que se espalha como vozes
capazes de nomearem as coisas consabidas,
o mundo não está tão só como pensava.

Não sei mesmo se escrevo:
palavras em fogo como círculos de brutos fogos
rodopiam sobre mim,
consciência sensibilizada ao grau maior do crime.

Sim, por que não do crime?
Certas são as frases que não compreendes:
seria preciso uma estadia no clima insalubre do desespero
para poder apreender o fulcro crucial desta alegria.

Repito todas as palavras que me informam:
na alma, outra a ficção,
sinto a carícia de não saber sentir,
no espírito realizo a realidade.

Brinco, e como não?
com esta desordem no reino intruso dos dias,
cada verso deste poema é um enigma falhado
na estética possível do hoje e do futuro.

Mas há outra coisa:
algures entre o homem e a ideia do inumano,
surte, tal um engano,
a esperança que redime as horas caducas.

Maio de 76

Arrastado pela inquietação desta hora sublime
escrevo a palavra do possível
no poema imperfeito de uma presença:
aqui, mais do que no indeterminado, surge o brilho.

Sim, a clarividência foi outrora um alvo fácil,
agora transporto-me para as funduras do insignificante,
ouço estranhos ruídos que predizem morte e cansaço,
sei com que palavras estigmatizar a minha ausência.

Afirmo o vazio na pletórica plenitude do sol,
estilhaço-me como um fruto podre de esperar o Tempo,
tudo se define como uma matemática onde perecerei,
para quê aprender nas escolas do vulgar o destino?

Vibro como uma loucura que se retém:
danço ao som de músicas fortes como a ânsia,
extravaso-me como o cálice do fel antigo:
a minha mediocridade é não ter sabido ser homem.

Mas danço, danço como um movimento de alma isenta,
o suor sobre a pele que me limita,
o cansaço de pernas expostas ao ridículo do século.
Poderei amanhã aceitar a vida como se nada fosse?

Salto através do espaço no tempo do minuto erodente,
o calor da carne afunda-me na minha espontaneidade,
sinto que me fujo,
abandonando os problemas tristes que a civilização acumulou.

Para onde vou eu, eu que comecei já a caminhar?
Lares desfeitos, pais por criar, filhos ausentes,
trago na minha saca podre de desejos
a intempestiva aventura de uma solidão.

Maio de 76

Silêncio. A casa presente. Espaço cercado de paredes e tectos,
no meio eu.
Evoluo ou paro. Camadas de ar deslocando-se: vento.
E depois escrevo.

Irrompo no discurso como uma lava de fogo erodente.
Todo eu sou estranhamente vida.
Respiro e transpiro.
Ser só, no universo o apelo.

Não sei o que sentir:
penso instintivamente esta corrente de consciência
que é consciência de qualquer coisa:
palavras empurrando palavras que perseguem palavras.

E eu no centro.
Aqui, eu mesmo, o que escreve agora este poema.
Para dizer o quê?
O Tempo passa, envelheço, estou no mundo, sou homem.

Nada pois de fundamental, isto é, de novo.
Tudo como sempre,
salvo talvez nada ser como sempre:
muda, tudo muda e não sei como acabar este dilema.

Associações de ideias:
o que resta do mundo e da experiência em mim.
Ontem, isto é, no passado, tudo o que aprendi.
O que esqueço perde-se no ganho da minha essência.

Um sentido da vida no insentido da vida!
Ser e não-ser.
Ter.
E tudo suspenso neste acabar do poema.

Maio de 76

Talvez um êxtase. Talvez uma luz. Intenso, imenso.
Abertura feita na opacidade da carne,
corte no espírito que aquece o insentido revelado,
vaivém da alma na ignorância que se conhece.

Antiquíssimas palavras povoam ainda a estesia moderna.
Nascer, viver, morrer.
Homem, mulher, crianças.
Pai, mãe, filhos, avós, netos, parentes.

Os outros. Outros pais, outras mães, outros filhos:
irmãos, somos todos.
Quando a família se decompõe pelo moderno da vida
renasce a outra família.

Todos somos tudo.
Nada.
Malha do futuro no sonho de quem escreve.
Poeta? Profeta? Quem sabe?

Sim, talvez um êxtase na anatomia do cotidiano voraz.
Perplexo amplexo entre mim e os de mais.
Tão grande, por vezes tão pequeno!
Subir, descer, onde, como, para quê?

Aqui, arde num fogo de vida a imortalidade fingida.
Matéria no espírito e espírito na matéria.
Casamento das antinomias.
Ser.

Felicidade como acesso ao novo.
Paz na harmonia de um universo com homens.
Pão da terra feito carne de um prazer desejado.
E depois tudo.

Maio de 76

Há uma hora entre o dia e a noite
povoada de ternura e de terror,
hora tensa entre um passado e um futuro,
onde me vejo na opacidade do delírio.

Quem, melhor do que eu, sabe ser eu?
Ninguém me vive excepto eu que vivo.
Porquê então este súbito medo
no começo da noite sem presságio?

Maio de 76

Paira, levemente paira, soturna e feroz, a voz
da noite na noite voraz que me limita ao ser,
doce, lividamente doce jaz a noite álgida
no mecanismo febril de um coração arguto.

Impoluto, o sítio do marasmo descobre-se do medíocre,
um sinal isento insurge-se contra o clima do fogo,
aí, mais do que na sensibilidade última de um poeta,
vive o ardor insuportável de uma aurora absoluta.

Leve, levemente dorme a palavra que escreve destino
no branco do papel que o século castiga com razões,
leve, mas não tão ágil como um perigo revelador,
desprende-se do homem um hino ao absurdo amor.

Cada vez que sinto dessinto mil possibilidades ausentes,
estar preso ao segundo não é apanágio de viver o mundo,
mas permanecer no acme de um segredo antiquíssimo
é o maior desejo que uma vontade pode enaltecer.

Assim, digo: vem, vem até mim, noite sulcada de espasmos,
cantada pelos poetas que soçobraram na visão do além,
vem como um bem sobre a cabeça dormente do homem só,
aqui te espero, velo de nada, na esperança de um amor.

Maio de 76

Imbuído de sentidos e a dor.

Calmamente, lembro quem nunca pude ser,
visitando os antros de uma alma estagnada,
perplexo por existir na impossibilidade ultrajante.

Recio o verbo.

Pego fogo ao simulacro de uma alegria
que não resiste ao mínimo ataque
que a análise enceta na totalidade de tudo.

Vibro, homem todo, tudo ruindo dentro de mim,
fumos e braseiras apagadas da face da terra,
estrondos mais longânimos que o obnócio martírio:
vence quem se perde nos meandros da sensibilidade.

Viver é esquecer a vida.

O detalhe, peça da máquina dolorosamente inimiga,
subjaz ao ardor que incendeia a amargura:
viver não é querer resolver o insolúvel.

Passam os anos, as horas, os minutos:
presos estamos, nós, os perpétuos inquiridores do absoluto,
inflexíveis na profanação do medíocre humano,
solenes na mentira de não atingirmos a graça.

Surge assim na clareira do imutável
sã bebedeira que corrompe na pacacidade inumana
o sentido de uma vida que se desmente,
quem, mais do que eu, sente a dor maleável?

Cresce o sono, mãe e mártir, profundo desejo de desaparecer,
regressar à terra do começo no verde estremeço
que atinge o âmago do viver,
se a vida não for só fogo e cansaço.

Maio de 76

Toda a energia que se furta ao saber
jaz como um vórtice no âmago irreflectido do desprezo,
inventar, dizer tudo do nada,
esse é o maior segredo do apelo.

Alguém que sofre a terra e o sublime da utopia.
Lugar do inexistente,
chama o homem através da voz do desassossego,
o paraíso está sempre mais além.

Escrevo:
estranho recomeço diluído no Tempo profético,
ser inquietação para atingir o ser,
longe o brilho.

Surdem as palavras, feiticeiras de traições desmedidas,
restos de um dilúculo que há muito feneceu,
sobreviventes de uma tentativa de comunicação,
agora que nada suplica o regresso da Palavra.

Como pois perceber esta alegria?
Loucura ou morte ou riso?
Resta a resposta.
Perto, mais perto que o limite, a vida.

E depois, noviço e viçoso, o poema,
lugar privilegiado de um vazio entre tudo,
paz no redemoinho dos sentidos,
clareira aberta ao olhar.

Uma amarga nostalgia que conheceu a solidão.
Ambiguidade na duvidosa profanação.
Harmonia ou vício na estética do fim?
Sim, nada se acaba, tudo é mentira.

Maio de 76

Fractura o Tempo na odisseia de um destino falhado.
Mortos são os enigmas que povoaram o homem.
A terra dorme, estranha ao desamor:
que fazer para atingir a cegueira do Ser?

Junto palavras paladinas, ritmos ritualizados,
músicas mordazes: escrevo o poema,
isenção incapaz de valor,
vasto equívoco enganando a estética.

Cubro-me de essência.
Perfaço a mediocridade da existência humana,
percalço atrás de percalço,
na dor um sentido que me evita a loucura.

Mitifico-me, especializo-me na totalidade erodente,
calcorreio o caminho invisível,
aqui uma pedra que já foi amiga,
ali uma fonte para saciar a sede miserável.

Distribuo sentidos como quem procria:
espeques que o visível me faculta e aceito,
estabeleço relações entre o inefável e o dizível,
adormeço entregue ao estremeço do sonho.

Amanhã, hoje, ontem:
antes de mim, depois de mim,
vicissitudes e desmazelos, vã interioridade,
vem a morte pôr o último selo.

Obsidiantes alquimias, altruístas veleidades,
querer viver o mistério de não ser verdade,
sem regras nem cristalizações da vontade,
apenas fluir na liberdade liberta.

Maio de 76

Vem depois o cansaço, esmagadas ideias do estilicídio,
confusão na origem do ser,
alteridade incapaz de significar um delírio:
quem sou eu?

Irrazoável como o sofrimento,
vibração da sensibilidade afeita às invasões anímicas,
uma hora de êxtase,
uma vida percorrida de noctívagas mentiras.

Ensinar a ler.
O quê? Cada verso deste poema é um tropeço
no sentido que se busca,
como evitar o cataclismo e as ruínas?

Quem se perde?
Escrevo novamente a tentativa mil vezes renovada,
inquiri o nada,
vou sozinho por que caminho?

Completa escuridão: quentes brilhos interiores
na casa da ignorância humana,
o fora nevando como um álgido vazio,
onde o sonho como recompensa?

Balbucio as últimas palavras:
e depois?
Imagino os nefastos momentos do declínio,
mãe, digo ao possível filho.

Terra, quero aprender a ser terra,
diz-me as palavras que devo pronunciar,
os sentidos que devo revelar criando-os vivos,
terra, não me abandones no medo e no castigo!

Maio de 76

Eu: memória de já ter sido:
memória da inexistência:
passado no presente:
eu: ausente buscando um futuro.

Viajo no tempo cortado pelos dias e pelas noites,
a vida que me deram feita corpo e alma e espírito:
faço-me todas as etapas do homem
vivendo sempre neste contínuo deslizar presente.

Eu e o acaso: imprevisto aquele que serei,
o futuro também é inexistente e impensável:
assim, vivo entre dois nada,
o que passou e não volta, o que será, incógnito.

Mas o passado volta filtrado pela minha consciência:
memória, recordações de frases obsidianas,
de gestos cometidos, de cenas presenciadas,
de acções em que o protagonista fui eu.

Eu, quem?
Dentro de mim, supondo que existe um fora,
escrevo:
fragmentos de um pensamento, vida outra.

E este quente sentimento de que a beleza
não vive só nas coisas externas, no olhar que as vê,
mas também na fragilidade de uma concepção
baseada no informulável, no indeterminado nada.

Mais uma vez, e de cada vez só,
aqui estou, na escrita crescida no roldão dos dias,
na necessidade de ser real e mundo,
tentando testemunhar esta possível aventura: Ser.

Maio de 76

Reter a luz, ápice só,
na escrita que se medita,
como um apelo do impossível às portas do ser,
este longo frio no suor que revela.

Inquietação, fulcro e centro e necessidade de se ser poeta,
fazer na ignorância da vida a queda que nos projecta,
voo ou demência, que importa?
se no fogo vibra o estremeço de um orgasmo.

Contradição: juntar dois extremos na desmedida que se é,
criar uma alegria no sentido moderno da dor,
um mundo no homem que fenece,
paz na amizade que constrói o processo do futuro.

Há palavras, sei.
Loucas palavras, as gordas apeteçadas,
mulheres porque sou homem,
carnes perecíveis que esperam o milagre do amor.

No esperma, no gozo.
Profundo o caminho das entranhas,
longo o prazer sacado ao clímax do destino,
aí, e só aí, a salvação.

Compreender: merecer a estadia na terra,
clivando a cegueira que não quer ver nem decidir,
escancarando as portas ignotas do sentido:
amor ou ódio, esfuziante a vida, extrema a morte.

Cada palavra é uma facada na tessitura do tédio:
escorre sangue a ideia que se faz do passado,
colabora com o presente a necessidade de fascínio,
onde procurar o inevitável senão no desconhecido?

Maio de 76

Irrompe, surde, corta, penetra.

Ser.

Abreviatura do impossível na casa amiga,
línguas de fogo, outro o contexto, outra a aventura.

Palavra amando a palavra que ama a palavra:
pouco a pouco, cresce como num desabrochar imenso,
o sentido de tudo surgir confusão de tudo no Todo,
lar onde se habita, tão perto, tão longe!

Similitude, ignorância intempestiva, útero profícuo:
cada palavra surge na consciência da estética
como um sinal perdido na estranheza do tesouro perdido,
cada palavra é uma projecção inaudita do mistério.

Pasmo espasmo diante da assunção:
luz num clarão,
revelação do inefável,
nem ideia de deus nem vontade escrava.

Alegria: pura semântica do inolvidável:
saber que se foi, se é, em cada instante outro,
o mesmo, o mesmo outro,
no privilégio da loucura que humaniza o homem.

Falo-te do quanto acastelei, dor e amor,
por engano na evidência de não me compreenderes,
mesmo se a análise atinge o acme do impossível,
mesmo se o futuro se alarga para convergir em mim.

Poeta: longe e perto, no tirocínio contínuo, a meta:
viver no esplendor da palavra que sou, o Ser,
imaginação e ânsia, demência ou estupor,
mas viver essa irrupção como verdade e horror.

Maio de 76

Inspirado escrevo a ignorância do homem:
invólucro do saber que se almeja,
superfície onde tudo se reflecte,
não é pensar o êxtase que não se sente, mas ser.

Inviolável, caduco, terrível o som da ausência.
Presto-me ao parto da última sensação,
antevejo dor e mais pruridos de alma,
invoco-me para dizer quanto me apetece morrer.

Vivendo.
Avidamente vivendo a vida e os frutos maliciosos,
comendo e cagando o quotidiano nas suas manifestações,
fodendo a mulher nos arremessos de um holocausto,
deitando fora as cinzas podres do que já foi.

Tudo me é estranhamente irmão de uma carne injustificável,
cada murro que dou soa como um urro da inteligência vaga,
cada homem que conheço é mais um homem que desconheço,
cada mulher que vejo é esta necessidade de me perder,
cada palavra que invento está acima das palavras isentas,
nada me diz como enfrentar a fome e o recomeço perpétuo.

Vagarosamente leio e fujo ao que escrevo,
tão difícil ser,
tão árduo o caminho para a sagesa,
como evitar os escolhos que o mar rebenta?

Mar. Marés oceânicas aos meus pés de homem aflito,
banho-me até à exaustão no conflito,
água e mito,
último desejo no descampado da afectividade.

Afecto. Mãos dulcíssimas sobre o meu peito aberto:
amar e ser descoberto, desperto o tesão: mais vida,
mais ilusão. Pergunto: até quando?

Maio de 76

Depois da insónia o sono desperto:
luz na terra manhã cedo,
mais uma noite vivida no tumulto do cérebro,
este sentimento de ter atingido o máximo de mim mesmo.

Longas horas no silêncio da casa invisível,
dormem os outros, indiferentes à vida,
dentro de mim todo o futuro que personifico,
haver um conúbio aceso entre o tempo e o sonho.

Sonhei outra existência num outro mundo:
arquitectei outras casas no simulacro impuro,
vi-me outra personagem,
outro o clima capaz de me enaltecer.

Perdi-me em labirintos:
insatisfação, frustrante nostalgia,
ter vivido como se realmente tivesse sido,
incapaz contudo de me saber ser.

Recebo agora os restos mesquinhos do sublime,
tento recompor o génio como acaso,
só palavras ávidas de um nobre sossego,
como dividir a alegria que alcancei?

Digo-te amor.
Lê-me como se fosse de outro universo
e quisesse por herança pertencer à terra humana:
invento esta fala, mas o brilho esgotou-se.

Aí onde cada aventura é mais do que ser homem,
estou,
ânsia efervescente que cria o cosmos,
paz silente de uma impossível esperança.

Maio de 76

Mas escrevo.

Dor timorata aquela que se afasta do sofrimento,
um convite do caos para a celebração do suicídio,
um medo.

Pertenço à não-família, vivi alhures,
entre um sonho indizível e uma realidade tosca,
conheci o pouco dos homens que me enganou,
desmenti a necessidade de clarividência.

Fui.

No Tempo, máscara diante do antiquíssimo espelho,
a rota reduzida ao mérito da mediocridade,
o fim no começo.

Li livros e vidas,
horas seguidas na tentativa feroz
de encontrar um sentido,
achei loucas cinzas de um passado infeliz.

Disse que o homem é.
Era então jovem e acreditava na crença,
queria que o mundo fosse uma fértil esperança,
tudo fiz para me alçar ao supremo.

Atingi auges carcomidos pela obcecada inquietação,
pensei assistir ao começo possível da felicidade,
fiquei nas pedras como uma catedral impensada,
o corpo chagado e pustulando sangue.

Deitei fogo ao meu lazer:
matei-me no quotidiano que reclama martírio,
fiz-me mãe para me reconhecer filho,
valeu a pena ter sofrido?

Maio de 76

Ah! mas sobretudo este presente!
Amálgamas de mim no segundo edificado no Tempo,
uma tremenda força,
um espasmo no declínio do medo.

Falo-te da angústia, terrível revelação:
diante do nada,
fingindo que se nasceu e se vai morrer,
e entretanto isto, este difícilimo viver.

Venho de longe, isto é, não venho:
estive sempre presente para te testemunhar,
creio que luz ou poente, vento intransigente,
chama de uma necessidade de paz.

Saber para ser.
Ou o contrário, ignorar para viver.
Surge todos os dias a encruzilhada,
optar por um caminho, ou ficar de pé como uma árvore.

Este tumulto no lugar que outrora foi alma!
Esta comichão longamente alicerçada no corpo,
volúpia de me conhecer carne e fezes,
onde o porto e a ilha almejada?

Água, digo.
Fogo, ardo.
Ar, respiro.
Terra, como.

Índices de outras eras no sofrimento claudicante,
uma cegueira que não se apercebe da via possível,
uma tenaz incapacidade para se cindir o clímax,
onde, pois, situar o homem no Ser?

Maio de 76

E súbito, como uma faca dilacerando o corpo,
todo o sofrimento emergindo,
convulsão de paroxismos outrora sentidos,
hoje esta possível teimosia.

Não posso mais.

Grito.

Mil vezes revoltado pelo traumatismo quotidiano:
difícil este turbilhão.

Alma e sangue, acusam-me de ser injusto,
dou-lhes razão,
mas como evitar o crime de ter nascido
no clima do medo quando a terra exulta ódio?

Tamanho o desastre, e tão só!
Loucura encobrindo o terramoto do espírito soterrado,
mãos nas mãos e o céu tão longe,
escrevo a sibilina dor.

Fui um homem corroído pelo sonho do futuro.
Em cada pedra do tropeço senti a infecunda justiça,
tentei falar aos outros, imagens do perecível,
risos sulcaram a minha dúbia mistificação.

Não sei o que viver:
tudo terrivelmente além e eu tão lívido,
as pátrias perdidas,
as fogueiras do irreal cheirando a carne podre.

Fecho-me e abro-me: respiro.
Não consigo dormir,
estranho ao fascínio, este duplo apelo
nascido em mim e em mim humano.

Maio de 76

Insuportável este delírio que a razão consente:
águas que vogam como navios intempestivos,
águias que dormem nos cumes do desassossego,
eu enfim, perdido na dor.

Menti quando pressenti a humanidade do meu grito:
clivagem no mundo, olho maldito,
repertório do ser,
depósito do infinito inviolável.

Demasiado calor nos meus testículos:
chama-me a terra no casamento com o sol,
esta tensão no âmago de mim mesmo,
despacho para o inacessível como degredo.

Fúria, caos, arbítrio fantástico:
no meio e o vento zunindo como um estilicídio,
tempo, tempo,
na poesia que brilha à luz invisível do sonho.

Chamam-me loucura:
ontem é um vocábulo ultrapassado,
hoje durmo no falhanço de uma metafísica,
amanhã morro coordenando as faúlhas imortais.

Sofro como nunca este uma vez mais.
Fende-se o cérebro ao som diluído do nada,
como orvalho vermelho
sobre o corpo abastecido com uma alma.

Longe de mim ardo,
incapaz de uma amostra do súbito terror,
levando no vazio o cataclismo do homem ignorado,
ser, mais uma vez ser, mesmo se perecendo.

Maio de 76

Choro e sinto nos olhos o fervor da água do mar:
relembro o passado envolto de vozes tutelares,
as visões matutinas que auferi jovem,
os medos tentaculares que teceram um abrigo.

Choro convencido que me afogo.
Algures, num outro local do universo remoto,
fui, imagem de algas no conflito com o roubo,
apanágio fulgurante de um delírio.

Dói-me tudo.
O fora penetra-me para significar cesura,
de dentro escrevo mentalmente o contorno do poema,
saberei ao menos de onde venho?

Sim, caminho.
Eivado de gelhas e de castigos impossíveis,
invento o tirocínio do novo mundo,
a injustiça dorme desde que a terra é povoada.

Também eu quero pôr esse pé na areia virgem:
lamber com o meu sangue o asfalto do moderno,
também eu necessito de morte no desperto sentido,
selvagem e inclemente.

Vozes longe! Vozes! Vozes insubmissas!
E eu aqui,
pateticamente enfiado na minha dor insofrida,
isento desse aroma que agudiza o espírito.

Compreendo sinais vindos de toda a parte redor:
luz no reflexo de uma mentalidade caduca,
terra espremida como um suculento fruto:
em mim o receptáculo da desmedida.

Maio de 76

Esse, o que se convenceu da perenidade,
esse o criminoso.

Eu, reduzido à mentira,
impróprio e entenebrecido.

Disseco a felicidade de nunca ter havido,
sulco no meu corpo a aprendizagem do suicídio,
clamo e profiro hinos de ódio,
tenho sido um puro declive.

Vou e esqueço-me de me ter vindo.
Aspermo o pensamento que claudica,
lúridas as razões que ensopam a mediocridade da vida,
no esgar visionei a máscara do prazer.

Desejei a mulher, tive-a no anonimato do desconhecido,
nela me lavei das impurezas do martírio,
nela colhi a outra dimensão,
saí como um rocio quente de entranhas.

Percebi a ignorância?
Compreendi a sulfurosa estupidez?
Conversei, é certo, em certos momentos de euforia,
o vinho no regaço, estranho filho.

Amei o ódio.
Na noite mais insegura, suado de terror,
vi quanto de mim era ausência,
fingi os gestos da obediência e escapei.

Onde o prazer?
Rubro, quero dizer, tenaz como uma auréola,
onde atravessei o abismo sem tréguas,
para vir cair nesta cama do desespero?

Maio de 76

Fim do dia, sol fugidio, o cansaço.
A casa só, plantada na berma da estrada,
símbolo de uma necessidade,
aposta.

Estou miraculado pelo insentido da morte.
Penso noutros poemas que outrora fabriquei,
tento repetir os ritmos de uma impossibilidade,
não consigo reviver quem fui.

Espanto, a boca erótica do meu desassossego,
morte e sexo, sestro caminho, olhar aberto,
em cada habitação uma luz diferente,
cada noite mais noite.

Só, reflicto.
Tenho tanto medo da pressão que me exerço.
Ouço vagos ruídos, invocação,
estremeço como a árvore que suspeita o degredo.

Nasci para não ser.
Sonho, paixão, arremessos do cardíaco, dor!
Cada homem que me retém diz-me como viver,
cada máscara contém o trivial do grotesco.

Goradas todas as tentativas, e eu sozinho.
Pus a minha mão no espírito do fogo,
queimou-se o brilho da minha ousadia nefasta,
quebra-se o signo de uma icástica prefiguração.

Não me compreendo.
Melhor, auairo a penosa preferência do acaso,
vivo entre este mericismo e este lago,
onde poderei eu renascer?

Maio de 76

Acordo. Tremulina e rocio,
os pés doridos de ontem na acalmia fresca,
estou no meio da floresta,
cheiros e húmus, a terra desperta com o sol.

Visões. Cansaço. Inquestionável pergunta: onde?
Elipses. Ritmos como profusão intelectual,
a arte arde,
nela perde-se a última consciência do homem.

Essência. Existência.
Tudo o que cumulei, na cultura do ocidente,
essência e existência.
Será verdade a simplicidade do enigma alveolar?

Dessinto-me de tanto me sentir fardo e peso no corpo,
o espírito volatiliza-se, a alma aguarda o momento,
eis-me aqui, novamente rejuvenescido,
os clarões do caos na tempestade sentimental.

Envelheci. A realidade evoca-me imagem de um desassossego,
que trilhos perfilhei, que roupas vesti,
que homens conheci,
para que hoje me lembre de quem fui como de um outro?

Ah! o êxtase: só mentira.
Clivagem no seio do ser,
sangue como rios de chamas e cadáveres boiando,
não, não quero mais viver a horrível revelação!

Manhã na terra presente como um mito impossível,
eu vago, lendo as cinzas do passado,
estirado sobre a cama da noite estarecida,
sem força para renascer.

Maio de 76

Penso, quantas vezes sonhando, o que há em mim de homem.
Perplexo remexo o lodo,
incapaz de dar um sentido ao tumulto do fora,
indeciso perante a loucura que me devora.

Digo: antes morto.
Lembro-me de minha mãe, quantas vezes me disse o mesmo?
Só sofrimento, injustiça e morte como recompensa.
Como evitar esta sorte?

Deixo de pensar e viro-me para os objectos:
neles arquitecto ficções possíveis,
neles vejo halos do perene e brilhos de incestos,
nos objectos eu algumas vezes sou.

Atingi o ponto mais baixo da craveira humana:
alheio-me.
Amálgamas de vida corroem o interior em flamas,
tresvario como um possesso álgido.

Tudo o que toco esfarela-se: não é imaginação.
Trago dentro de mim o princípio da destruição,
cada sopro de morte empesta o meu redor humano,
oh! como desmerecer este nevrálgico poder do incógnito?

Nada fica de pé.
Poeira e esgares, dor, brasas de uma inquietação,
que tenho?
Ninguém me possui, daí talvez o mal.

Terra, volto a ti de mãos vazias e proféticas,
em ti quero respirar a alegria,
em ti quero sentir-me uma vez mais alguém,
mas deixa-me não ser homem: ficar alguém ou além.

Maio de 76

Rebenta o som feroz de uma angústia que me anavalha.
Chamam-me de onde?
Entre duas correntes permaneço imóvel,
fruindo este desfibrar de alma que atinge a dor.

Só velharias, e estéticas cada vez mais pobres.
Fujo do real que é estar no centro do sofrimento
e invento outros desígnios, outras imagens da vida,
para que a hora seja uma possibilidade de esperança.

Mas como?
Como sair de mim que estou tanto em mim e delírio?
Como deixar de ser eu para vaguear no meio do mundo
e sorrir do sofrido como imaginação e tédio?

Oh! sim, quero fugir e tentar outros climas.
Mas onde, onde?
Já calcorreei a terra nas vicissitudes do social,
conheci outros povos e todos são iguais.

Em todos os caminhos, tão cioso da liberdade,
fui o mais que escravo.
Em todas as línguas sofri a injustiça total,
haver eu e eu não ser tudo o mais.

Em toda a parte comi a merda, lambi os pés do quotidiano,
em todas as casas que habitei desvendei o medo,
em todos os homens que amei ou odiei vi a morte,
como, diz-me, como fugir ao revérbero do contínuo castigo?

Que fiz eu para que os deuses sejam ausentes ou mortos?
Que crimes cometi para merecer esta sorte?
Mundo em toda a parte
e eu no turbilhão anímico do sonho.

Maio de 76

Febre no plexo da cerebração mais desfibrada.
Não consigo deixar de ser, de pensar ou de sofrer,
correntes de ideias como chispas e faúlhas na minha carne,
e dizem-me que o espírito é puro nada.

Mais uma vez diante da encruzilhada:
é preciso optar.
Sopesar o dito e o ouvido,
reviver até à náusea o passado empobrecido.

Em frente o caminho. São tantos os caminhos!
Não ter um mestre ou uma luz para me guiar escravo!
Tão só, ou mal acompanhado!
Um passo, e o declive ajudará.

Irresponsável. As grilhetas são leves deslizos,
a consciência um sentido que o mimetismo arvora.
Criei laços entre os homens.
Porquê, porquê o irreflectido desejo de imitar o homem?

A minha vida sem mais nada.
A incongruência falhada de um alvor.
Pudesse enunciar simples versos da apoteose,
escrever distante desta realidade insuportável.

Tive já inteligência e acerada sensibilidade.
Leituras de tradições e uma cultura inumana.
Tão simples, se me fosse possível, fingir que era homem,
imitando as realizações humanas com um brilho redentor.

Onde bebi o grito da desmedida?
Que pais ou país me insuflou de loucura?
Querer estar aqui e viver ali o mito:
ser, ser no afluxo da perda!

Maio de 76

Puro o dia. Agora, hora entre o fausto da luz e a noite:
escrevo. Simples precaução para quem ama o fogo.
Descanso, a jornada imóvel, o sol reteso:
esvai-se o sentido de mais um dia imperturbável.
Limpo por dentro aufero do prazer que é a vida,
restabeleço contacto com o simulacro do amor,
tento captar a fímbria que altera o clima:
onde, onde pousa o meu estremeço?

Fel e falo de mim, esguardo o presente, espaço e tempo,
infiel para com o passado apodrecido,
aberto ao voraz futuro que me enche de estigmas.
Sou liberto, penso, mas não do sol nem do mito.
Não caminho nem sou pedra. Nem brancura.
Pleno e súbito o roldão de símbolos na chuva.
Quanto plagiei aquele que já fui outrora?
Agora, entre o declínio e a boca escura, espero.

Trago na imobilidade de tudo este vento:
palavras lançadas como eventos do cataclismo,
o estéril deserto, diserta melancolia,
viver como um lago escorreito.
Viver como uma música incapaz de catástrofe.
Levo no cimo do meu corpo uma esperança.
Vou como uma festa de homens num domingo:
comigo o sinal, o aflito despertar da hora.

Palpo o corpo da mulher que desconheço.
Carne, encruzilhadas do prazer impossível,
um dedo sorrelfo no escaninho da alma que é vulva,
este suor e medo, quando o tesão se petrifica.
Puro o espírito, amor, a náusea de ter vivido.
Sentir quando se finge que se atinge o clímax,
num êxtase onde a morte é máscara e brilho,
um riso fora do texto e das células do ódio.

Maio de 76

Mágoa. Leve o dedo que aponta o sol esvaecido.
Tréguas nas trevas, conheço as línguas.
Morte e parto.
Cada folha uma aventura poética, uma pausa.
Cada delírio uma faca cortando os tendões
que a sensibilidade acaricia.
Calma. Cama.
Dia no fim e esta penumbra maldita.

Alegria. Impulsão para o infinito, inexistência.
Pulsão de vida, em que pensas?
Enganar não é simplesmente enganar.
Encalho na encosta do mal, ficção e símbolo,
como outrora, missão e brilho,
a pedra como fim a atingir, o nirvana,
o prazer sem mácula, longe do corpo dorido.
Alma. Arma. Sibilino estilhaço.

Inversão. Sentido por dentro o alívio real de ser,
mar marítimo, casualidade e parecer,
em que navio navega o silvo do mergulho fatal?
Em ti, mulher, o calor e o arbítrio.
Em mim, tristeza, esta secura de deserto anímico.
Aquele que sou soa como um grito aflito:
para onde vou só posso ir sozinho,
gasto e feroz, na crueldade do tempo imóvel.

Fereza. Foz e poente, o frio lambendo a poeira.
Imagem do nevoeiro que gravita em torno do sítio:
aqui, mais do que nunca, o movimento.
Compreensão arrasta o perdão,
sei-o bem, como um homem sofrido,
incapaz de manobrar as rédeas de um crime,
possuindo a consciência cansada de ter já fenecido:
eu, sempre eu, tanto no centro como periferia: não!

Maio de 76

Este flácido sentimento de ter estado desperto.
Agora escrevo o testemunho da mentira poética.
As palavras surgindo, obedientes e malditas.
É verdade que sou o mais longínquo objecto?

Sem dúvida, amor, te finjo.
Não existes na terra povoada de sulcos anímicos.
Quero-te pobre como a fome que comi, lembras-te?
Ler, sobretudo ler, onde o fito?

Pára. Levanta-te. Quem és?
Escorrega os olhos pelo redor que te vive, significa!
Hábitos do que deve ser, não mintas.
Aprende e apreende o outro: ama-me, se puderes.

Ou tenta esquecer-me.
Nasci, vivi, tripúdio da inteligência, truísmo.
Ganhei na sucessão dos dias o direito ao dia:
aufiro noite como signo de uma loucura.

Segue-me, sê essa sombra que o sol não me permite.
Deseja-me viticomado de angústia e trevas, odeia-me.
Sou um espaço que não vislumbra, preenche-me.
Dá-me sede e gozo, dobra-te no espelho.

Quanta filosofia corrompida ao som da verdade?
Quantos mitos e delitos no seio da esperança?
Ar! Quero ar no peito, respiro poalha e degredo,
quero o nó do segredo purificado pela luz.

Não me desmereças: abre-te!
O poema é um pretexto, eu sou o texto.
Vive-te no sêdulo mecanismo de uma interpretação.
Molda-te ao visceral, sê eu!

Difícil o ardor da carne, e morre-se.
Não hoje, não definitivamente.
Quem és? Ignóbil opróbrio ausente.
Talhas-me com uma argúcia que falseia o espírito.

Maio de 76

Eis que descubro no muro do silêncio
o auge. Tropeço na loucura que cliva o tempo.
Ludicamente desfibro a dor, falta e falha,
miríade de espasmos na luz quente do sol.

Salto e sal. Deserto o pensamento contemporâneo.
Livros abertos, páginas desfloradas, sonho torpe.
Isenção e morte. Sorte e mutilação.
Cruel só o fio que liga a carcaça ao homem.

No escuro da noite sou. Flâmula de um brilho,
deslize da consciência, não água nem fogo,
mas frio e sombra, mãos que matam o desespero.
Eis-me finalmente só, mas não intento.

Subo no vento que urra, fujo da hora ancestral,
galvanizo o granizo que cai de um céu intempestivo,
flores na relva e cio no conúbio com a carne:
sangue menstruado, delícia de não viver a morte!

Capitaneei a jangada. Mero silêncio e nada.
Roubei a riqueza na esdrúxula casa do luxo,
comi a civilização nos restos pobres do lixo,
vomitei-me como um cadáver que quer por força viver.

Tudo outrora, no exílio, não aqui, regressado.
Impossível a ousadia, nefasto o brado.
Componho como esmero eufémicas terebrações,
lições que ensino ao incógnito ultrajado.

Poética. Metafísica, ocultismo, além.
Dardos pendentes no coração alvejado,
crivado de furos o peito do homem assassinado,
dizem-me que nada realmente mudou.

Maio de 76

Silenciosamente me inclino sobre a chaga erodente.
Noite e silêncio, eu só, de pé como uma árvore.
Penso vagamente no esplendor do sol apagado.
E busco em mim os percalços que alçam ao delírio.

Constante dor, homem.
Desaparecendo ao longe o último brilho,
único no mundo como o não concebo,
real manifestação de um poder impossível.

Convirjo sobre esse ponto ilimite de mim mesmo:
estranho fosso esse, o reflexo do Ser na água pura,
um movimento precipitado de uma alma nua,
espero e sei que não virá o êxtase.

Talvez amanhã, ou outro dia. Talvez agora, impensado.
Surjo na superfície das coisas com um sigilo alado,
capaz de modificar a terra no segredo que me perfilha,
decidido a salvar-me na luta intensiva de um achado novo.

Escuro. Mentalmente decifro os números do jogo.
Revejo aquele que fui quando o tempo sabia a juventude:
cânticos e bocejos, raparigas de sexo peludo.
Mais longe ainda a família e o mistério anímico.

Perto, esta doce e atroz loucura.
Não saber. Duvidar de cada minuto que passa,
prescindir da aurora baça,
prever o antagonismo entre o mundo e a minha vida.

Nunca mais a paz definitiva, ou a indiferença total.
De cada vez o estouro, o milagre da desdita,
em cada palavra o signo maldito de um destino:
homem ou mito, inclino-me sobre mim e choro.

Maio de 76

Casais de Mem Martins